

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

MARCELO NUNES PACHECO

IDENTIDADE E COMUNIDADE:
ELEMENTOS ESQUECIDOS DO BAIRRISMO NA SÃO MIGUEL
PAULISTA DE 2024

SÃO PAULO

2024

MARCELO NUNES PACHECO

Trabalho de Graduação Individual (TGI) apresentado ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Simone Scifoni.

SÃO PAULO

2024

Ruas de São Miguel

Edvaldo Santana

Um Guaianazes de guitarra e capoeira

Um São Miguel de Ururaí

Às vezes a gente se encontra na rua

No beco, no bar da esquina

Se encontra na roda

Que roda e alucina

Se perde menino, se perde menina

Se perdem na noite, madrugada afora

Respirando blues, esquecendo a hora

Olho de lobo, farol da cidade

Sensibilidade, ficando à vontade

Quem deixa a terra

Pensando ir pro céu

Desaba do sonho

E caí em São Miguel

Compositores: Edvaldo de Santana Braga
(*Edvaldo Santana*), Roberto Claudino de Oliveira (*Roberto Claudino*)

ECAD: Obra #191697 Fonograma #17710181

Agradecimentos

Agradeço a todos e todas pessoas, que de alguma forma colaboraram para a elaboração e conclusão deste trabalho. Obrigado por ter acreditado que poderia dar certo.

RESUMO

Através deste trabalho pretendo realizar um levantamento sobre a existência e evolução da vida de bairro em São Miguel Paulista, um dos bairros mais antigos de São Paulo.

Inicialmente irei traçar um breve histórico de São Miguel, desde sua origem como aldeia indígena até sua transformação em um importante centro industrial no século XX. A chegada da fábrica da Nitro Química, por exemplo, atraiu um grande número de migrantes nordestinos, moldando a identidade cultural do bairro.

O foco principal, no entanto, está na análise da vida de bairro em São Miguel. Onde irei buscar compreender se os elementos que caracterizavam a vida cotidiana e as relações de vizinhança e comunidade no passado ainda estão presentes nos dias atuais. Para isso, irei me utilizar de estudos anteriores, como o de Arantes e Andrade (1981), que descreve a vida de bairro em São Miguel de 1977, e nos conceitos de vida de bairro propostos pela professora Odette Seabra.

ABSTRACT

In this work, I will study the existence and evolution of neighborhood life in São Miguel Paulista, one of the oldest districts in São Paulo.

To begin, I will provide a brief history of São Miguel, tracing its origins as an Indigenous village to its transformation into a significant industrial center in the 20th century. The arrival of the Nitro Química factory, for example, attracted a substantial number of Northeastern migrants, shaping the neighborhood's cultural identity.

The primary focus of this work, however, is to analyze neighborhood life in São Miguel. I will draw on previous studies, such as the work by Arantes and Andrade (1981), which describes neighborhood life in São Miguel in 1977. Additionally, I will consider the concepts of neighborhood life proposed by Professor Odette Seabra.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Ortofoto 2020, destacando a localização da Subprefeitura de São Miguel – Extraída do GEOSAMPA	13
Figura 2. Ortofoto 2020 – Extraída do GEOSAMPA	14
Figura 3. Mapa Topográfico do Município de São Paulo (SARA - 1930)	22
Figura 4. Cartas Vegetação 1988	23
Figura 5. Mapas do município de São Paulo- Extraído da A Pública	35
Figura 6. Ortofoto 2004 – Extraída do GEOSAMPA	36
Figura 7. Ortofoto 2017 – Extraída do GEOSAMPA	37
Figura 8. Ortofoto 2020 – Extraída do GEOSAMPA	38
Figura 9. Ortofoto 2020 – Uso do Solo - Gerado pelo Geosampa	39
Figura 10. Ortofoto 2020 – Habitação, Edificação e Loteamento Irregular - Gerado pelo Geosampa	40
Figura 11. Ortofoto 2020 – Densidade Demográfica - Gerado pelo Geosampa .	41
Figura 12. Ortofoto 2020 – Vulnerabilidade Social - Gerado pelo Geosampa ...	42
Figura 13. Imagem de Satélite 2024 – Gerado pelo Google Maps	44

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Dados censitários – 1950 - 2022 - SMUL/GEOINFO	19
---	-----------

LISTA DE INFOGRÁFICOS

Infográfico 1. Evolução da população no Município de São Paulo entre 2000 e 2020. – Elaboração: SEADE	26
Infográfico 2. Tabela 3. Projeção da evolução da população no Município de São Paulo entre 2000 e 2050. – Elaboração: SEADE	27
Infográfico 3. Tabela 4 Projeção da evolução da população em idade escolar no Município de São Paulo entre 2000 e 2050. – Elaboração: SEADE	28
Infográfico 4. Tabela 5. Projeção da evolução dos domicílios particulares e habitantes por domicílio no Município de São Paulo entre 2000 e 2050. – Elaboração: SEADE	29
Infográfico 5. Evolução da população na Subprefeitura de São Miguel entre 2000 e 2020. – Elaboração: SEADE	30
Infográfico 6. Projeção da evolução da população na Subprefeitura de São Miguel entre 2000 e 2050. – Elaboração: SEADE	31
Infográfico 7. Projeção da evolução da população em idade escolar Subprefeitura de São Miguel entre 2000 e 2050. – Elaboração: SEADE	32
Infográfico 8. Projeção da evolução dos domicílios particulares e habitantes por domicílio na Subprefeitura de São Miguel entre 2000 e 2050. – Elaboração: SEADE ..	33
Infográfico 9. Regiões com maior incidência de desastres naturais na última década – Porcentagem da população autodeclarada como preta ou parda – Censo 2010. – Elaboração: A Pública	35

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
2. PROCESSO HISTÓRICO DE FORMAÇÃO E URBANIZAÇÃO DO BAIRRO.....	15
3. SÃO MIGUEL NO SÉC XXI.....	24
4. VIDA DE BAIRRO E COTIDIANO.....	45
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
6. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	56

1. Introdução

Através do bairro de São Miguel Paulista, localizado no extremo leste da capital paulista, podemos encontrar dentro de sua história muito dos processos históricos que contam a história da cidade de São Paulo. São Miguel tem sua origem oficial relacionada ao século XVI, mais especificamente ao ano de 1622 onde foi finalizada a Capela de São Miguel, uma pequena igreja construída pelas mãos de índios guaianases sob ordens dos jesuítas, com o objetivo de catequizar os nativos que viviam as margens do Tietê.

A capela de São Miguel Arcanjo viu surgir e crescer um bairro em seu entorno juntamente com o crescimento e desenvolvimento da cidade a qual faz parte, conforme Bomtempi (1969, p. 149). São Miguel teve intima participação no desenvolvimento da cidade de São Paulo até o século XVIII ao servir como uma espécie de “manancial de mão -de-obra”, utilizando dos nativos catequizados como mão-de-obra escravizada para servir principalmente nas lavouras e currais, segundo Bomtempi (1969, p.149). Esse processo apenas diminuiu e deixou de acontecer quando os portugueses começaram a utilizar da mão-de-obra escravizada dos negros, trazidos a força do continente africano para o trabalhar nas lavouras e em mineração no Brasil como um todo, segundo Bomtempi (1969, p.150).

Após esse período São Miguel pareceu não conseguir mais acompanhar os processos de evolução que se via na região central da cidade de São Paulo, afinal não podemos esquecer que este bairro fica a uma distância considerável do centro da cidade. Com isso ele se tornou um bairro onde sua principal atividade remunerada era relacionada a agricultura e algumas olarias. Porém isso mudou no meio do séc. XX e o bairro voltou a desempenhar um papel de destaque junto a cidade de São Paulo, devido ao rápido crescimento industrial focado na região central da cidade, alguns políticos e empresários começaram a procurar outras regiões que seriam estratégicas para ajudar a expandir o processo industrial na capital paulista.

Segundo Marcondes (2009) devido São Miguel estar localizado as margens do Tietê, se tornou um lugar estratégico para a implantação de uma indústria, já que poderiam utilizar deste rio para abastecimento de água e também para o despejo de dos dejetos

industriais, além de ser uma área com terrenos baratos e desvalorizados e ter uma ferrovia próxima.

Devido as estas características São Miguel foi escolhida para receber a instalação da fábrica da Nitro Química, isso mudou radicalmente o bairro. De acordo com Fontes (2002, p. 15) a maioria dos trabalhadores da Nitro Química eram de migrantes rurais, em particular nordestinos, que começaram a morar nas vilas que se formaram no entorno da fábrica. Esse processo migratório foi tão significante que São Miguel ficou conhecido como um dos primeiros redutos nordestinos da cidade de São Paulo. Essa junção de pessoas com história de vida semelhantes e buscando o mesmo objetivo colaborou para criar um cenário onde as pessoas formassem um forte vínculo de identidade, já que a maioria estava iniciando no trabalho industrial e no estilo de vida da cidade pela primeira vez.

Esse trabalho tem como objetivo abordar essa identidade que se formou entre os moradores de São Miguel e avançando um pouco mais no tempo e chegando na São Miguel dos anos 70, encontramos traços que indicavam um bairro ainda vivo, uma comunidade que não perdeu a interação e o estilo de vida entre seus moradores. Partindo de um estudo de caso de Arantes e Andrade, onde por um mês ele conviveu com os moradores de São Miguel encontramos traços de um bairrismo escrito pela professora Odette Seabra, onde pessoas continuam interagindo nos botecos de esquina, crianças e adolescentes jogam bola na rua, pessoas conversando nos bancos da praça e persiste uma forte identidade cultural entre os residentes do bairro.

Parto da concepção de bairro da professora Odette Seabra, onde o bairro pode ser identificado como um espaço de representação do vivido, ocasionado pelas relações cotidianas que ali acontecem. “Pela disposição dos caminhos, das ruas, das casas é possível inferir sobre a vida de bairro, esta que, em verdade, é o conteúdo do bairro, é aquilo que o define” (SEABRA, 2003).

Podemos identificar os elementos da vida de bairro no artigo de Arantes e Andrade (1981), o qual ao realizar uma pesquisa sobre a produção artística popular em São Miguel Paulista para a Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo em 1978, trouxe elementos que nos permite identificar a vida de bairro na época, ao elencar que “Surge desse modo um grande número de associações esportivo-recreativas voltadas à prática do futebol de várzea: proliferam os jogos de bilhar e dominó nos bares e

multiplicam-se agrupamentos na esquinas, nos bares, nos quintais..." (ARANTES e ANDRADE, 1981).

Na tese de Seabra (2003), podemos compreender que a metrópole destrói a vida de bairro e favorece o individualismo em detrimento da vida comunitária, porém como podemos identificar que em São Miguel ainda tinha tais elementos no final dos anos 70, fica uma dúvida sobre se poderemos identificar na São Miguel dos dias atuais elementos que demonstrem existir um bairrismo ou se a metrópole também destruiu os resquícios deste cotidiano que encontramos nas palavras escritas por Arantes e Andrade em 1981.

Usando como base principal o artigo de Arantes e Andrade (1981) irei fazer um apontamento da vida de bairro e do bairrismo presente nos arredores da Capela de São Miguel Arcanjo, localizada em São Miguel Paulista, bairro localizado no extremo leste da cidade de São Paulo.

Pretendo utilizar a obra de Livre-docência da professora Odete para melhor compreender e relacionar os agrupamentos sociais mencionados pelo Arantes em seu texto, como uma identificação ou de certa forma uma prova da vida de bairro que existia nos arredores da capela de São Miguel, procurando com esse levantamento identificar se na São Miguel de 2024, que passou por um adensamento populacional e teve o surgimento de favelas, ocasionado justamente pelo adensamento populacional e especulação imobiliária, ainda conseguimos localizar facilmente esses agrupamentos sociais e se o entorno da Capela ainda tem resquícios do bairrismo que tinha até o final dos anos 70.

As perguntas centrais que norteiam este trabalho, envolve compreendemos como se deu a formação e urbanização do bairro de São Miguel Paulista? Irei no capítulo 1 deste trabalho fazer um resumo do processo histórico e da formação do bairro, indo do séc. XV ao XX.

Pretendo através dos textos da professora Odette Seabra, identificar quais elementos categorizam uma vida de bairro e quais destes elementos que evidenciam este cotidiano, são encontrados na obra de Arantes e Andrade de 1981.

Através do texto de Arantes e Andrade de 1981, podemos categorizar a existência de uma vida de bairro no entorno da Capela de São Miguel nos anos 70? Após 50 anos

estes elementos ainda são perceptíveis? Será que é possível afirmar que ainda existe vida de bairro no entorno da capela em 2024?

Estas são as perguntas que motivaram a produção deste trabalho e terão suas tentativas de respostas no decorrer deste trabalho.

O objetivo deste trabalho é investigar se os elementos que compõem a vida de bairro idealizado pela Odette, estão presentes na São Miguel de 2024, usando como ponto central do bairro nesta pesquisa a Praça do Forró e seu entorno. Através da obra de Arantes e Andrade, descrevendo o cotidiano dos moradores de São Miguel nos anos 1970, conseguimos identificar os elementos que demonstram uma vida de bairro pelas pessoas que frequentavam a Capela de São Miguel e residiam no entorno da Praça do Forró.

Através de alguns trabalhos de campo e principalmente das leituras e estudos das obras que compõem a bibliografia deste trabalho, pretendo descobrir se os conceitos que ajudam a formar e /ou identificar a vida de bairro trazido pela professora Odette Seabra ainda é perceptível em São Miguel passados quase 50 anos da publicação da pesquisa feita por Arantes e Andrade ou se as mudanças que ocorreram no bairro durante este tempo fizeram estes elementos ficarem no passado.

Este trabalho teve como metodologia o levantamento de dados estatísticos, através de sites e plataformas governamentais. Através do levantamento bibliográfico e da realização de trabalhos de campos, foram realizadas derivas pelas ruas que contornam a Capela de São Miguel Arcanjo e Praça do Forró (Padre Aleixo Monteiro Mafra). As derivas envolvem passar pelas ruas: Rua José Dias Miranda, Travessa Guilherme de Aguiar, Avenida Marechal Tito, Rua Beraldo Marcondes, Avenida São Miguel, Rua Otávio de Rosa, Rua João Hónorato Pedroso, Rua Eduardo Prim Pedroso de Mello). Nestas idas a campo, pretendo identificar o tipo de comércios, estabelecimentos e residências que existem na região. Observar o movimento das pessoas pelas ruas e calçadas. As derivas foram em três sábados entre os meses de abril e novembro.

Abaixo, dois mapas extraídos pelo Geosampa, onde no primeiro destacamos a região da subprefeitura de São Miguel dentro da cidade de São Paulo e no segundo, temos um recorte do bairro e um polígono representando a região visitada durante as derivas.

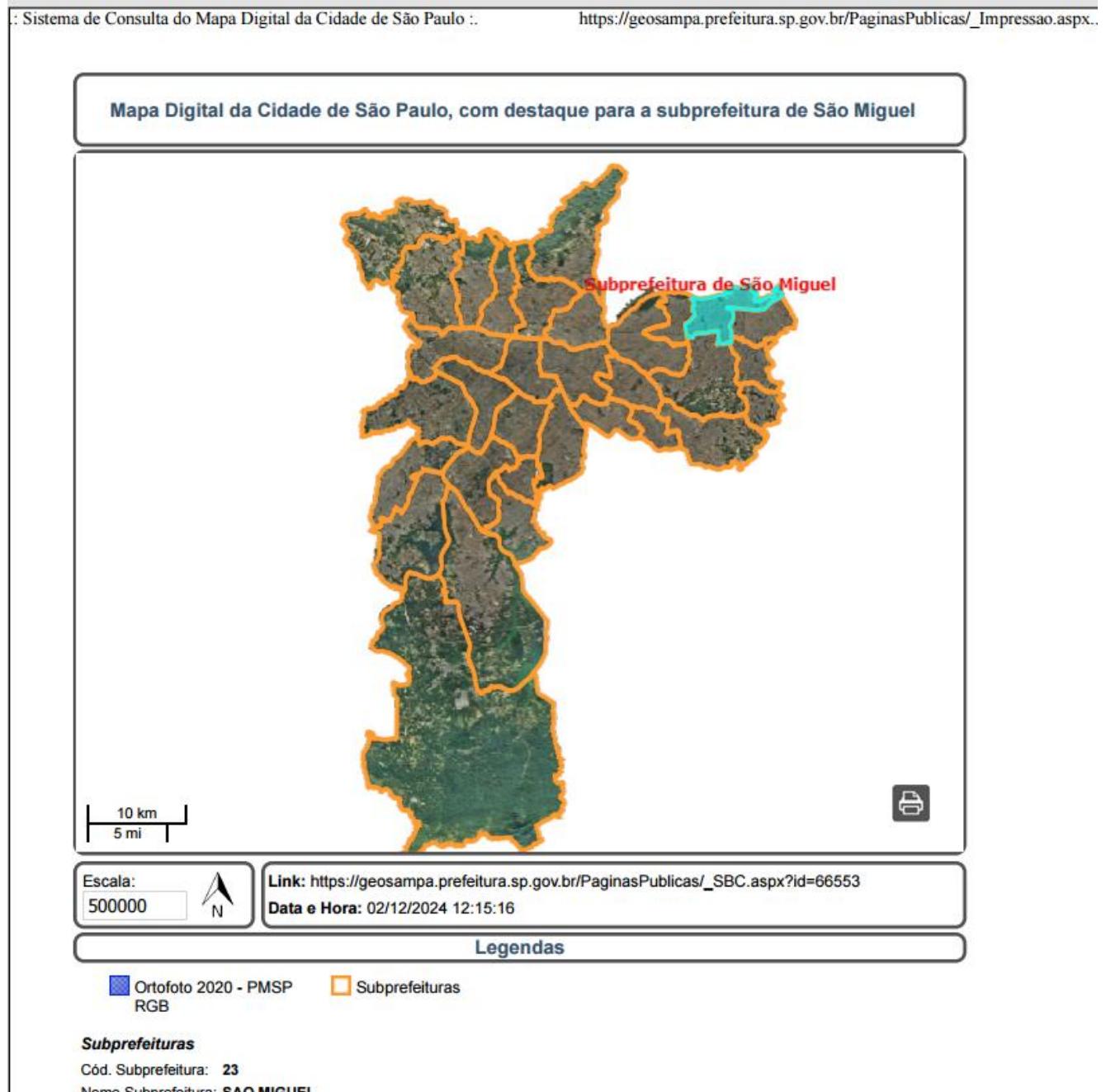


Figura 1. Mapa digital da cidade de São Paulo - Ortofoto 2020 - Gerado pelo Geosampa

Mapa Digital da Cidade de São Paulo, com um recorte do bairro de São Miguel



Escala:
5500



Link: https://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx?id=80624
Data e Hora: 02/12/2024 13:57:51

Legendas

◆ Trem Metropolitano - Estação

◆ Logradouro

◆ Ortofoto 2020 - PMSP RGB

Figura 2. Mapa digital da cidade de São Paulo, com um recorte do bairro de São Miguel e a região visitada durante as derivas – Ortofoto 2020 - Gerado pelo Geosampa

2. PROCESSO HISTÓRICO DE FORMAÇÃO E URBANIZAÇÃO DO BAIRRO

A capela de São Miguel Arcanjo, está historicamente relacionada a fundação do aldeamento de São Miguel do Ururaí e posteriormente a formação do bairro de São Miguel Paulista, como conhecido atualmente. Devido à importância da localização desta capela e da sua relação para o desenvolvimento deste trabalho, iremos resumidamente relatar os processos da sua origem.

O bairro de São Miguel Paulista, surgiu através do processo inicial de catequização e colonização paulista, quando os jesuítas tinham como objetivo a catequização dos povos indígenas e também de consolidar a presença e ocupação portuguesa no território. Segundo Bomtempi (1970) a região que hoje conhecemos como São Miguel Paulista, teve suas origens estabelecidas em 1560 pelos jesuítas, quando a margem esquerda do rio Tietê, estabeleceram a fundação do aldeamento Ururaí. Posteriormente e em decorrência do processo de catequização e da localização estratégica que a aldeia ocupava, ela passou a se chamar aldeia de São Miguel de Ururaí, uma homenagem a São Miguel Arcanjo, padroeiro dos combatentes e que teve grande aceitação e reconhecimento pelo povo indígena que ali residia e era catequizado.

Ururaí também era o nome que os povos indígenas Guaianases davam ao rio Tietê na época.

Foi em 1586, de acordo com Bomtempi (1970, p.33), que se tem a primeira referência oficial ao nome de São Miguel.

Segundo Morais (2007, p.57) ao citar o Jornal Diário do Comércio do dia 03/06/2004, nos anos de 1620 a 1622 ocorreu a primeira construção em São Miguel, uma capela feita de taipa de pilão pelos povos indígenas guaianases e inaugurada pelos jesuítas no ano de 1622, a Capela de São Miguel Arcanjo.

Porém de acordo com Bomtempi (1970, p.56), podemos afirmar que o aldeamento de São Miguel de Ururaí, já possuía uma capela e segundo Montanari (2019) temos registros de que na década de 1580 a capela deste aldeamento era utilizada pelos padres jesuítas em suas visitas a aldeia. Sendo assim em 1622 ocorreu uma reconstrução da igreja, isso ocorrendo devido que a primeira construção tivesse sido construída de forma mais simples e precária.

Segundo Bomtempi (1970), o aldeamento de São Miguel do Ururaí foi marcado por intensas disputas e conflitos entre os povos indígenas catequizados e não catequizados, assim como entre povos indígenas e colonos. Estes conflitos, juntamente com as doenças trazidas pelos colonizadores e o impacto dos processos de catequização, gradualmente foi fazendo com que a aldeia fosse perdendo autonomia e perdendo também suas tradições e costumes.

Este processo inicial que colaborou para a formação do bairro de São Miguel Paulista, não ocorreu de forma isolada e exclusiva, tendo outras regiões de São Paulo seus relatos e conflitos, mas como nosso objeto de estudo consiste neste território e especificamente no entorno da capela de São Miguel Arcanjo, focaremos neste momento em descrever brevemente como ocorreu o processo de formação da periferia e urbanização de São Miguel Paulista, deixando de abordar alguns eventos históricos que envolvem a “extinção” (Bomtempi. 1970) da aldeia indígena para chegarmos na construção e utilização da ferrovia em São Miguel Paulista no século XX.

Segundo Bomtempi (1970), em São Miguel Paulista desde o século XVIII, se destacavam as olarias e a produção telhas e tijolos. Esta atividade na região prosseguiu também no século XIX, mas sem o mesmo destaque e importância do século anterior. No século XX as atividades das olarias voltaram a se destacar e se multiplicaram na região, dada a sua ocupação na margem do rio Tietê, “cujas várzeas eram inexaurível manancial de matéria-prima. Além de tijolos, São Miguel proporcionava a cidade (de São Paulo) pedregulho e areia, que extraía do Tietê, que tão marcadamente promoveu a reanimação do bairro.” (Bomtempi, 1970, p. 156). Até as três primeiras décadas do século XX, o desenvolvimento que a cidade de São Paulo estava passando, ainda não tinha alcançado diretamente o bairro de São Miguel, segundo Bomtempi (1970) a distância que São Miguel estava em relação ao centro em desenvolvimento da cidade de São Paulo, foi um dos principais fatores para esta situação. No entanto devido a relevância que as olarias na região estavam tendo na época, isso colaborou para a reanimação das atividades econômicas na região. Devido a distância que São Miguel e as olarias deste bairro estavam do centro comercial e expandido de São Paulo, o transporte destes produtos se tornou um problema, Bomtempi (1970) faz uma detalhada descrição de como foram feitas obras para tornar possível a navegação fluvial do Rio Tietê, com a finalidade de promover o

escoamento da produção de tijolos e telhas da região as margens do rio Tietê. O transporte fluvial possibilitou o escoamento das cargas, mas o deslocamento de pessoas ainda era um problema e começou a ter melhores soluções em 1930 com a criação de uma linha de ônibus entre os bairros de Penha e São Miguel, essa solução não resolveu completamente o problema do deslocamento de pessoas e de acordo com Bomtempi (1970) foi em 1932 inaugurada a estação de São Miguel, pertencente a linha férrea EFCB (Estrada de Ferro Central do Brasil, variante de Poá), algo a muito esperado e que tinha o intuito de resolver os problemas relacionados a deslocamento.

São Miguel entre 1930 e 1935 passou por um enorme processo de crescimento e desenvolvimento, sendo de acordo com Bomtempi (1970) a criação da linha de ônibus e da estação ferroviária os principais motivos para o início do processo industrial que se instaurou no bairro, onde em 1935 ocorreu a instalação da Companhia Nitro-Química Brasileira no bairro de São Miguel Paulista, que se tornou uma das maiores empresas do Brasil.

Este processo que se iniciou com a criação da linha de ônibus, a estação ferroviária e a instalação da Nitro-Química transformaram e moldaram São Miguel Paulista durante o século XX. Vale destacar aqui que toda esta evolução ocorreu segundo Marcondes (2009) devido ao centro da cidade e sua extensão já possuírem uma grande concentração de indústrias e operários, sendo então algo necessário e de interesse para os políticos e empresários da época o uso e ocupação de outras regiões que possuíssem espaços estratégicos para a expansão e ocupação da cidade. Podemos notar desta forma, que neste período já ocorria uma forte procura por terrenos e moradias a baixo custo, principalmente para os trabalhadores migrantes que estavam chegando a cidade de São Paulo.

Segundo Marcondes (2009), a escolha de São Miguel Paulista para a construção da fábrica foi ocasionada por “possuir uma geografia perfeita para a sua instalação, como a proximidade do rio Tietê, que era essencial para a absorção da água, e para o despejo dos dejetos industriais, os terrenos, que eram muito baratos se comparados aos do centro da cidade, linha ferroviária próxima e uma linha de ônibus que ligava São Miguel ao bairro da Penha. Com essa estrutura, as vilas aos poucos começaram a aparecer” (Marcondes, 2009, p. 23). Junto a instalação da fábrica da Nitro-Química,

se instaurou uma vila operária, que era conhecida como “Cidade Nitro-Química”. (Marcondes, 2009, citando Azevedo, Aroldo de. 1945. p. 13).

Segundo Bomtempi (1970), o processo de industrialização de São Paulo começou a atrair fortemente uma corrente migratória nacional a partir de 1920, sendo posteriormente a região de São Miguel Paulista um dos destinos deste processo migratório.

De acordo com Fontes (2002), a população de São Miguel (incluindo os distritos de Itaquera e Lajeado) em 1920 não passava 4.702 pessoas e todo o processo brevemente relatado que ocorreu em São Miguel resultando na instalação da fábrica da Nitro-Química na região, resultou na transformação do bairro de São Miguel em dos principais subúrbios industriais da região metropolitana de São Paulo (Fontes, 2002, p.108).

Segundo Camargo (2017, citando Fontes 2002), o bairro de São Miguel começa a partir de 1935 se transformar em um bairro fortemente operário, formado “por trabalhadores migrantes. Entre eles, destacam-se os nordestinos, ou seja, migrantes oriundos dos estados brasileiros que compõem a região geoadministrativa do Nordeste, especialmente baianos, pernambucanos e paraibanos. Mas, os paulistas, mineiros e paranaenses também ajudaram a formar sua população.” (Camargo, 2017, p.82).

De acordo com Fontes (2002), todo este processo de urbanização e crescimento da cidade de São Paulo, tem um forte caráter segregador, que apresenta uma intensa e continua expulsão das classes populares do centro para as regiões periféricas da cidade. Este movimento, não coincidentemente colaborou para o forte crescimento populacional da região de São Miguel. Sendo que a partir dos anos 50, a cidade de São Paulo passou por um processo continuo de criação e consolidação de sua periferia como espaço de moradia para a população de baixa renda.

Fontes (2002) relata o forte crescimento populacional de São Miguel e de toda a região leste da cidade de São Paulo. “Entre 1950 e 60, São Miguel Paulista (incluindo Ermelino Matarazzo, que se tornou um distrito autônomo em 1959) teve uma taxa média anual de incremento populacional de 13,4%, a mais alta do município de São Paulo, que no mesmo período cresceu anualmente 5,6% em média. A região se

manteria entre as de maior crescimento da cidade nas décadas seguintes. Com cerca de 7 mil moradores em 1940, o bairro contava com aproximadamente 40 mil em 1950 e 140 mil dez anos depois. Em 1980, o censo apontava 320 mil habitantes. Se somados os habitantes de a região, que inclui antigos subdistritos de São Miguel Paulista, como Ermelino Matarazzo, Itaim, Itaquera e Guaianazes, o número ultrapassava um milhão e duzentas mil pessoas.” (Fontes, 2002, p.114).

Abaixo podemos visualizar a quantidade populacional da cidade de São Paulo e da Subprefeitura de São Miguel, através dos dados censitários de 1950 a 2022.

Unidades territoriais	1950	1960	1970	1980	1991	2000	2010	2022
Município de São Paulo	2.151.313	3.667.899	5.924.615	8.493.226	9.646.185	10.434.252	11.253.503	11.451.999
Subprefeitura São Miguel	12.063	40.456	138.085	260.942	322.581	378.944	370.100	344.609
Jardim Helena	3.841	13.542	48.255	91.079	118.381	139.612	135.411	129.409
São Miguel	4.008	12.052	49.859	100.182	102.964	99.072	92.081	81.011
Vila Jacuí	4.214	14.862	39.971	69.681	101.236	140.260	142.608	134.189

Fonte: Censo Demográfico IBGE.

1950 a 1980: Censo Demográfico (IBGE) e retroestimativas e recomposição dos distritos (SMUL/DIPRO)

1991 a 2010: agregados por setores censitários (IBGE) e distritos (SMUL/GEOINFO)

2022: agregados por setores censitários preliminares (IBGE)

Elaboração: SMUL/GEOINFO

Tabela 1. Dados censitários – 1950 - 2022 - SMUL/GEOINFO

De acordo com Fontes (2002), a fábrica da Nitro-Química, assim como outras instalações e industrias do tipo, possuía as divisões internas de trabalho, relacionadas a funções e cargos desempenhadas. Esta divisão interna de trabalho era também vista com bastante clareza nos locais de moradias dos trabalhadores nas diversas vilas e localidades da região. Fontes destaca que “dois núcleos habitacionais foram construídos pela empresa quase que simultaneamente a instalação da Companhia Nitro Química no final dos anos 30, ampliando imediatamente a área do bairro para além do centro colonial existente em torno da velha igreja dos tempos do aldeamento jesuíta e da grande praça ao seu redor.” (Fontes, 2002, p.237). Aqui vale trazer na integra uma outra citação de Fontes, onde ele cita que “Aroldo de Azevedo, em 1945, denominou São Miguel como ‘cidade dupla’ em referência a este contraste entre a arquitetura colonial da praça, igreja e região circunvizinha e os “bairros novos” criados com a chegada da Nitro Química. ‘Cf. Aroldo de Azevedo. pp. 129-131’.”

De acordo com Fontes (2002), a fábrica da Nitro-Química utilizava as casas destes núcleos habitacionais como um “atrativo para fixar a mão-de-obra qualificada e/ou

essencial para sua produção". Apesar do forte processo de expansão e surgimentos de novas vilas e jardins na região, ocasionado pela chegada de migrantes na região e adensamento populacional, o acesso à moradia das casas diretamente relacionadas a Nitro-Química, permaneceu limitada e restrita as pessoas que os dirigentes da fábrica julgavam importantes e imprescindíveis a continuidade do trabalho.

Vale ressaltar neste momento, que a Nitro-Química possui uma relevância histórica e de extrema importância para a expansão e desenvolvimento do bairro de São Miguel Paulista, mas uma outra imagem pela qual a fábrica também era amplamente conhecida, era pela sua periculosidade e por ser constantemente "associada a acidentes e altos índices de insalubridades. Protestos e luta contra tal ambiente de trabalho foram constantes desde a fundação da empresa." (Fontes, 2002, p.146). Fontes cita um dos acidentes, que resultou em uma das piores tragédias para os trabalhadores da região, onde "Em junho de 1947, um reator na seção de trotil explodiu causando a morte reconhecida de nove operários, violeiros e poetas de cordel saíram as ruas e bares do bairro cantando a história da "terrível explosão que sacudiu a Nitro Química Brasileira" (Fontes, 2002, p.147). A poluição ocasionada pela Nitro-Química é um dos outros tantos fatores negativos pela qual era conhecida a fábrica.

Os diretores utilizavam da distribuição de um jornal como uma forma de comunicação interna, que fosse direta e rápida, além de servir como material de treinamento para os novos e atuais empregados das diversas categorias. Segundo Marcondes esta distribuição interna dos jornais "Nitro Jornal" tinha o intuito de mostrar a dedicação e esforço que os diretores desempenhavam para manter e melhorar as condições de trabalhos, além de fornecer um discurso político em conluio com os governantes da época, este jornal tinha o objetivo de propagar a ideologia dos diretores da fábrica com o intuito de controlar os trabalhadores e dos moradores das vilas operárias, sendo também visado nestas distribuições não somente os empregados da fábricas como também os familiares que residiam nas vilas operárias.

De acordo com Fontes (2002, p. 345), junto com todo o processo de criação, expansão e formação de vilas operárias e das vilas já existentes em São Miguel Paulista, ocorreram processos para a formações e organizações de moradores e entidades locais, porém apenas no final dos anos 50 que ocorreu uma forte intensificação destes

movimentos e isso colaborou e resultou em uma forte greve dos trabalhadores da empresa em 1957, através do Sindicato dos Químicos.

A fábrica da Nitro-Química em São Miguel Paulista, desde todo o processo que levou a sua instalação, funcionamento e o fim das suas atividades, renderia ainda algumas boas páginas neste trabalho, porém para se manter no tema proposto inicialmente deixo a recomendação das leituras das teses que utilizei para compor este trabalho e que proporcionam a devida atenção que este tema merece.

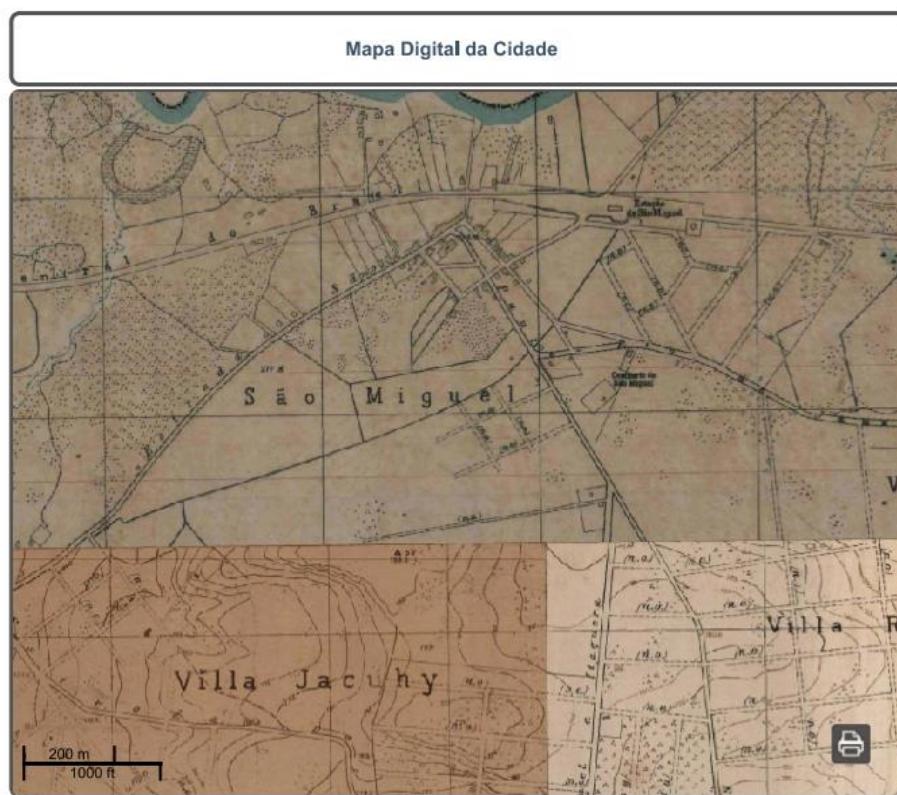
A Capela de São Miguel Arcanjo, foi em 1938 tombada pelo IPHAN, ao decorrer da sua história passou por algumas restaurações, sendo a última delas entre 2006 e 2010 (de acordo com as informações obtidas através do Sistema Estadual de Museus de São Paulo (SISEM-SP), acessadas em 11/2024).

Dentre os vários usos, possíveis conflitos e tempos de abandono vale destacar o ano de 1941, quando de acordo com Morais (2007), a Capela de São Miguel Arcanjo em voltou a ter um vigário residente com a posse do Padre Aleixo Monteiro Mafra. O padre Aleixo, prestou serviço por 23 anos nesta paróquia, se tornando uma figura de relevância histórica para o bairro de São Miguel e para a capela de São Miguel Arcanjo. Dentre as ações que o padre Aleixo desempenhou, se destaca a luta e criação da Catedral de São Miguel Arcanjo, localizada em frente e a poucos metros da Capela São Miguel Arcanjo.

De acordo com Morais (2007), Padre Aleixo ao assumir como vigário da capela, além de se tornar uma figura de certa relevância católica, desempenhava também o papel de liderança para os moradores. Ele fez inúmeros relatos da dificuldade em realizar as missas devido ao tamanho da capela em contraste com a enorme população local, sendo então a solução encontrada pelo padre, a realização das missas dominicais ao lado de fora da capela para que todas as pessoas pudessem assistir as missas. No ano de 1967 ele veio a falecer e teve seu corpo velado na capela de São Miguel Arcanjo. Em homenagem e reconhecimento ao afeto da população, em 1967 a até então Praça Campo Sales, mudou oficialmente o nome para Praça Padre Aleixo Monteiro Mafra.

Abaixo dois mapas baixados pelo Geosampa, o primeiro de 1930 e o segundo de 1988.

No mapa de 1930, fiz um recorte da área onde podemos observar a presença da Capela de São Miguel, a estação de trem que tinha sido inaugurada em 1930 e um cemitério que deixou de existir no local entre 1930 e 1988 (ano da segunda carta disponível no Geosampa e comentada abaixo).



Escala:
11027



Link: https://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx?id=24373
Data e Hora: 16/05/2024 17:44:20

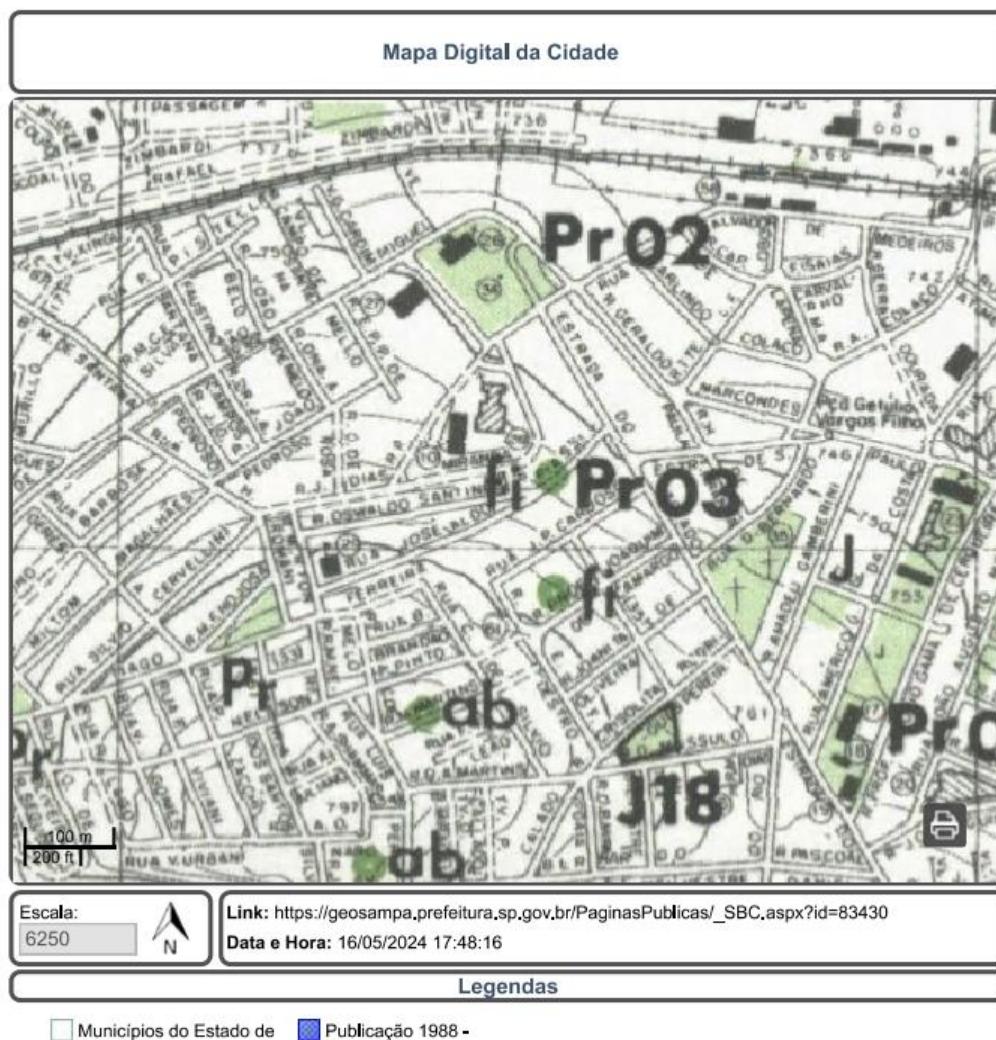
Legendas

Municípios do Estado de São Paulo Mapeamento 1930 - SARA

1/1

https://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_Impressao.aspx?id=24373
Figura 3. Mapa Topográfico do Município de São Paulo (SARA - 1930) - Gerado pelo Geosampa

No mapa de 1988, podemos observar que aumentou consideravelmente o número de ruas e a formação de quadras no entorno da Praça do Forró, mas a posição da Capela e da Praça com um espaço centralizador se manteve.



3. SÃO MIGUEL NO SÉC XXI

A São Miguel Paulista dos dias atuais, pode ser caracterizada como um bairro dormitório, assim como a maioria dos bairros e distritos que compõem a periferia de São Paulo. Apesar de ter sido um importante bairro industrial até a metade do século XX, segundo Camargo (2017), a partir dos anos 1960, a região que ainda recebia uma grande quantidade de migrantes de outras cidades estados, começou a perder as características de bairro operário para dar inicio ao surgimento das características de um bairro dormitorio, que permanece nos dias atuais.

São estas características atuais de São Miguel que irão ser tratadas neste capítulo, o qual de forma resumida se pretende destacar as informações e dados estatísticos da população residente na região que forma a Subprefeitura de São Miguel Paulista (composta pelos distritos Jardim Helena, São Miguel e Vila Jacuí).

Neste momento vale trazer a reflexão de Bonduki e Rolnik (1982) através do Sampaio (2024, p. 118), sobre a definição de periféria que citamos anteriormente e em outros momentos deste estudo.

Em geral, a definição de periferia é utilizada indiscriminadamente para designar, numa visão geográfica, os espaços que estão distantes do centro metropolitano na faixa externa da área urbanizada e, numa visão sociológica, os locais onde a força de trabalho se reproduz em péssimas condições de habitação. Aparentemente, é consenso que as duas definições estão falando da mesma coisa; no entanto, esse uso indiscriminado do termo leva a uma série de imprecisões na sua utilização. Preferimos definir a periferia como 'as parcelas do território da cidade que tem baixa renda diferencial', pois, assim, este conceito ganha maior precisão e vincula, concreta e objetivamente, a ocupação do território à estratificação social. (Bonduki e Rolnik, 1982, apud Sampaio, 2024, p. 118).

Apesar de tratarmos de forma bem resumida neste estudo, o processo histórico e as transformações de São Miguel Paulista, esta reflexão acima colabora para compreendermos a situação atual do bairro e também seu passado, desde a formação da primeira aldeia indígena, o processo de surgimento e crescimento das olarias e a instalação da fábrica da Nitro-Química. São Miguel era (e é) vista pelos governantes e empresários como uma região periférica e os inúmeros problemas causados pelo crescimento populacional “desordenado” e pouco acompanhado por obras de infra-estrutura que dessem conta de atender as demandas populacionais, são uns, dentre tantos outros, aspectos que ajuda a identificar este elemento.

Abaixo alguns dados estatísticos para compreendemos a cidade de São Paulo e os distritos que compõem a região administrativa da Subprefeitura de São Miguel Paulista.

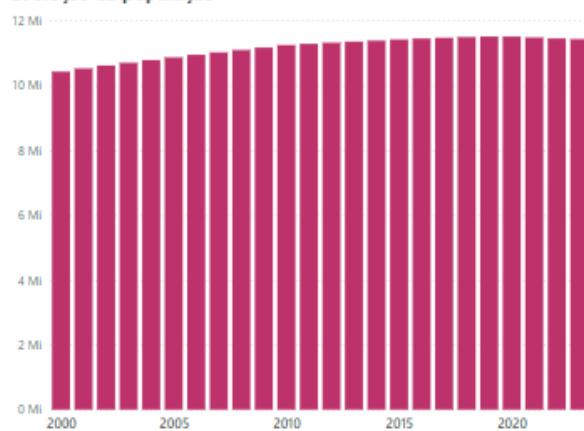
Dados estatísticos do Município de São Paulo, obtidos através da Fundação Seade (<https://populacao.seade.gov.br/populacao-msp/> - Acessado em 11/24).

Infográfico 1: Evolução da população no Município de São Paulo entre 2000 e 2020. Neste infográfico percebemos o aumento gradativo da população da cidade de São Paulo e no recorte da evolução por grupos de idade, percebemos uma leve estabilização no grupo de 15 a 64, entre 2010 e 2020 e um crescimento entre o grupo 65+, porém no grupo entre 00 e 14 ocorre uma diminuição no crescimento desta faixa etária em comparação com os demais grupos. Na tabela, indicando a população por idade e sexo biológico, notamos uma quantidade levemente maior de homens nos primeiros grupos etários e uma inversão desta informação conforme se aumenta a faixa etária dos grupos, chegando 1,4% a diferença entre pessoas com 75+. No mapa da cidade de São Paulo, nota-se uma maior concentração nos distritos centrais e regiões derivadas, de uma média de idade sendo de 39+ e nos distritos mais afastados a média da população fica entre 33-35,9 e 36-38,9.

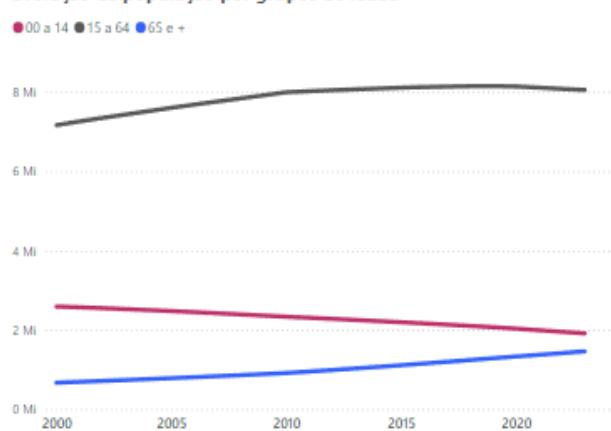
As populações foram estimadas com os dados do Censo 2022 e as Estatísticas do Registro Civil.



Evolução da população



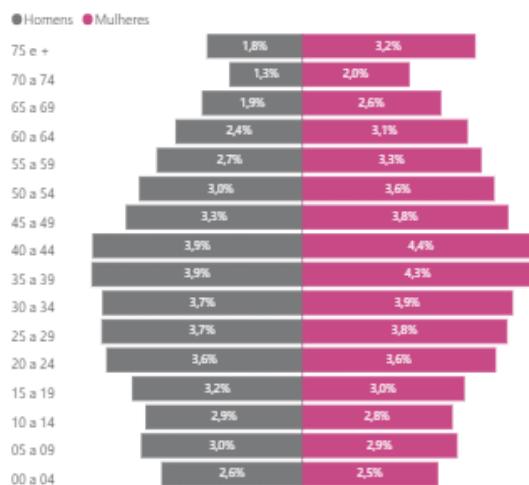
Evolução da população por grupos de idade



População por idade e sexo

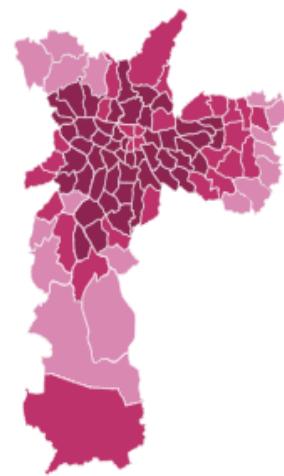
2023

Tabela



Idade média da população (em anos)

33,0 a 35,9 | 36,0 a 38,9 | 39,0 e +



Fonte: Fundação Seade.

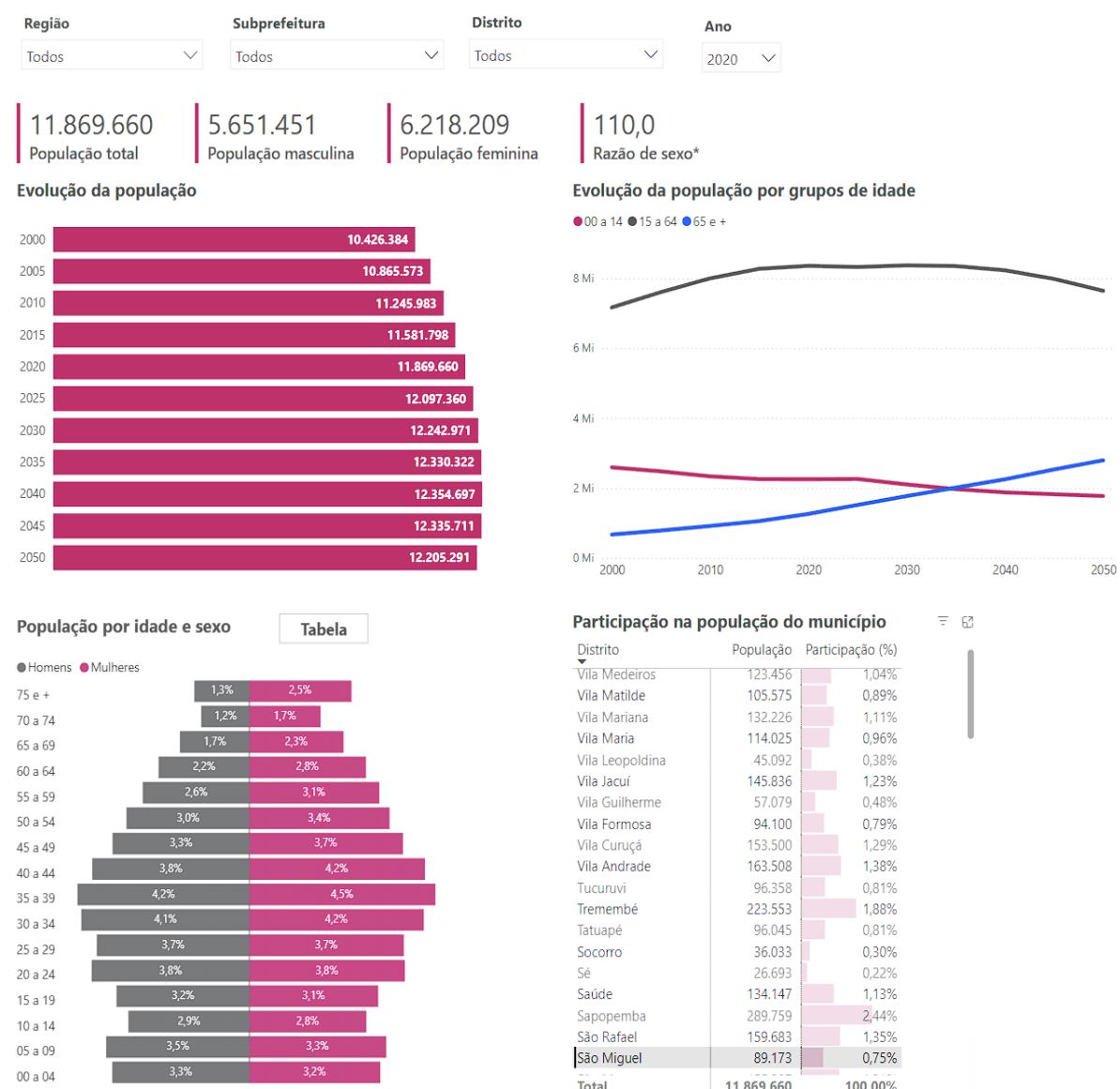
Nota: Dados referentes à população residente em 1º de julho. As estimativas populacionais de 2011 a 2023 foram ajustadas com base nos resultados da população total do Censo Demográfico de 2022, considerando os crescimentos vegetativo e migratório observados nos distritos do MSP. A composição etária e por sexo, por sua vez, considerou a resultante da projeção anteriormente realizada pelo Seade para os distritos, pois esta informação do Censo Demográfico ainda não está disponível.

*Número de mulheres para cada 100 homens.

Infográfico 1. Evolução da população no Município de São Paulo entre 2000 e 2020. – Elaboração: SEADE

Infográfico 2: Projeção da evolução da população no Município de São Paulo entre 2000 e 2050. Realizando uma projeção da evolução da população, até o ano de 2050, podemos perceber que a tendência da evolução aponta para uma diminuição da população a partir de 2045. Na linha de evolução por grupo de idade, percebemos que a partir de 2030, está previsto um crescimento de pessoas com mais de 65 anos e uma diminuição no grupo etário entre 00 a 14 anos. Na tabela, indicando a população por idade e sexo biológico, notamos uma semelhança na informação descrita no gráfico anterior. Neste infográfico, em 2020 conferimos que a população do distrito de São Miguel representa 0,75% em comparação ao total da cidade.

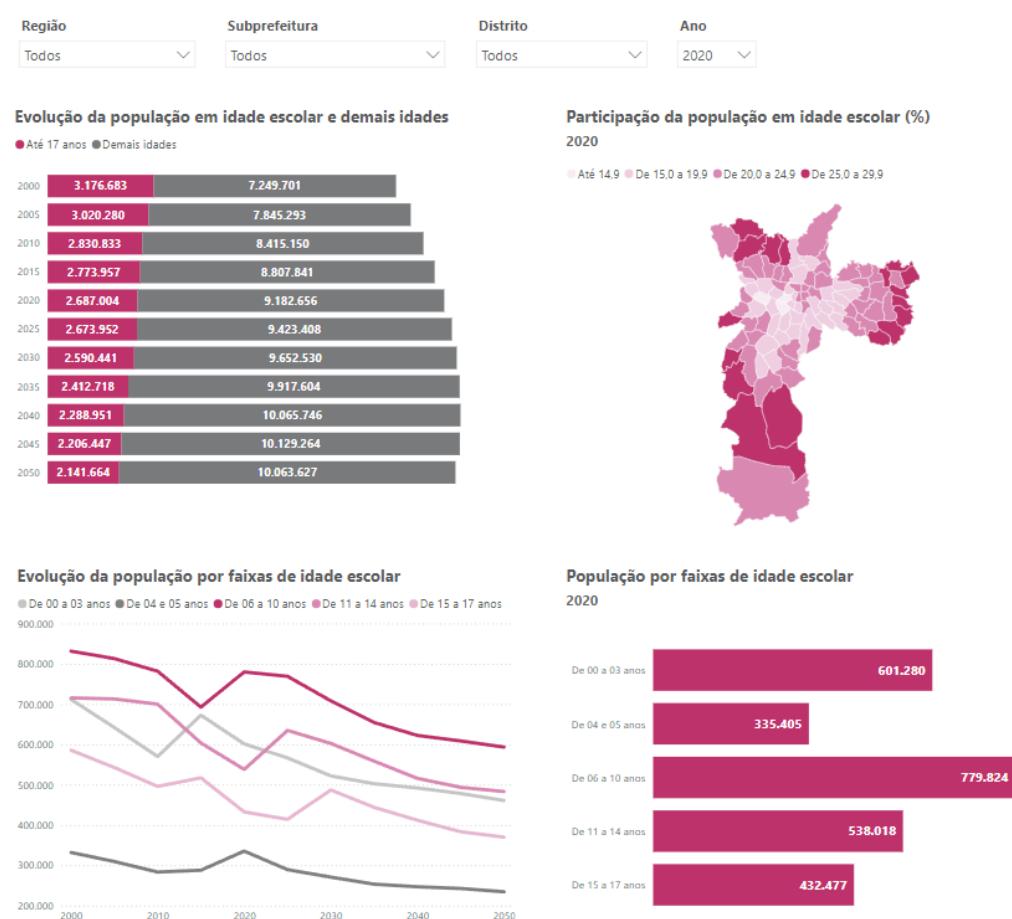
Projeções populacionais realizadas com base no Censo 2010. Novas projeções estão sendo elaboradas.



Infográfico 2. Projeção da evolução da população no Município de São Paulo entre 2000 e 2050. – Elaboração: SEADE

Infográfico 3: Projeção da evolução da população em idade escolar e demais idades no Município de São Paulo entre 2000 e 2050. Semelhante ao infográfico da evolução populacional, neste vemos a projeção da diminuição da populacional em idade escolar e a diminuição da população como um todo em 2050. No mapa da cidade, notamos um aumento gradativo nas cores mais escuras, conforme aumenta a distância dos distritos em relação às regiões centrais, com algumas exceções no extremo sul e noroeste da capital. Indicando uma maior quantidade de pessoas em idade escolar nestas regiões. No gráfico indicando a evolução por grupo etário, notamos uma tendência de queda entre 2020 e 2030 para todos os grupos etários, apesar de em todos eles apontarem um aumento considerável entre 2010 e 2020. No indicativo de 2020 por faixas de idade escolar, temos o grupo entre 06 e 10 anos com a maior quantidade de pessoas e o menor entre pessoas de 04 e 05 anos.

Projeções populacionais realizadas com base no Censo 2010. Novas projeções estão sendo elaboradas.

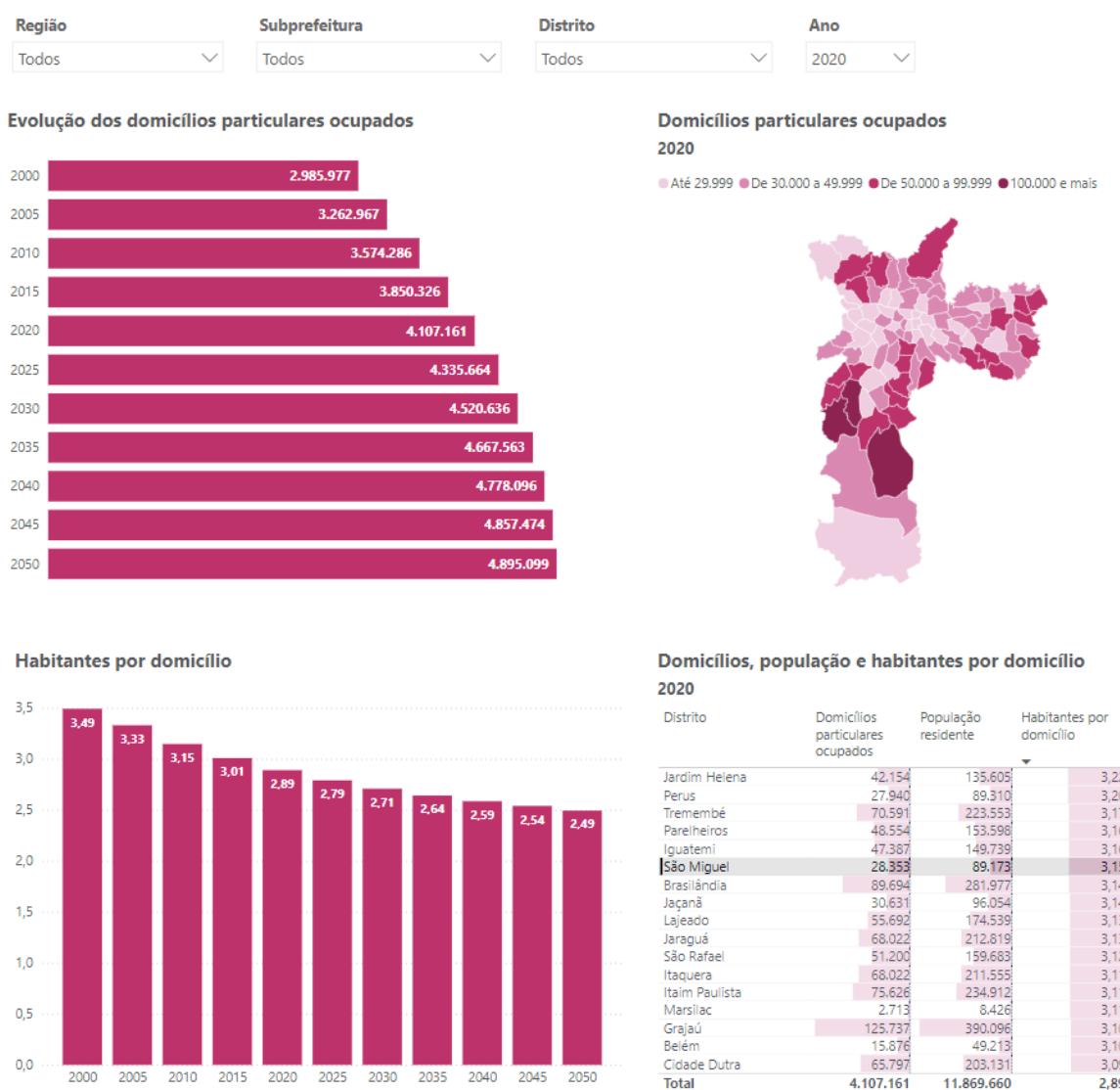


Fonte: Fundação Seade. As populações a partir de 2015 são projeções. Veja conceitos e notas em Anexo Metodológico no Repositório.
Nota: População em idade escolar se refere ao contingente nas faixas etárias atendidas pela educação básica que, de acordo com a lei que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional (Lei 9.394, de 20/12/1996), é composta por: a) educação infantil, oferecida na forma de creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos, e de pré-escolas para aquelas entre 4 e 5 anos; b) ensino fundamental obrigatório, com duração de nove anos, sendo que o fundamental I cobre as idades entre seis e dez anos, e o fundamental II compreende de 11 a 14 anos de idade; c) ensino médio, com duração mínima de três anos, contemplando as idades entre 15 e 17 anos.

Infográfico 3. Projeção da evolução da população em idade escolar no Município de São Paulo entre 2000 e 2050. – Elaboração: SEADE

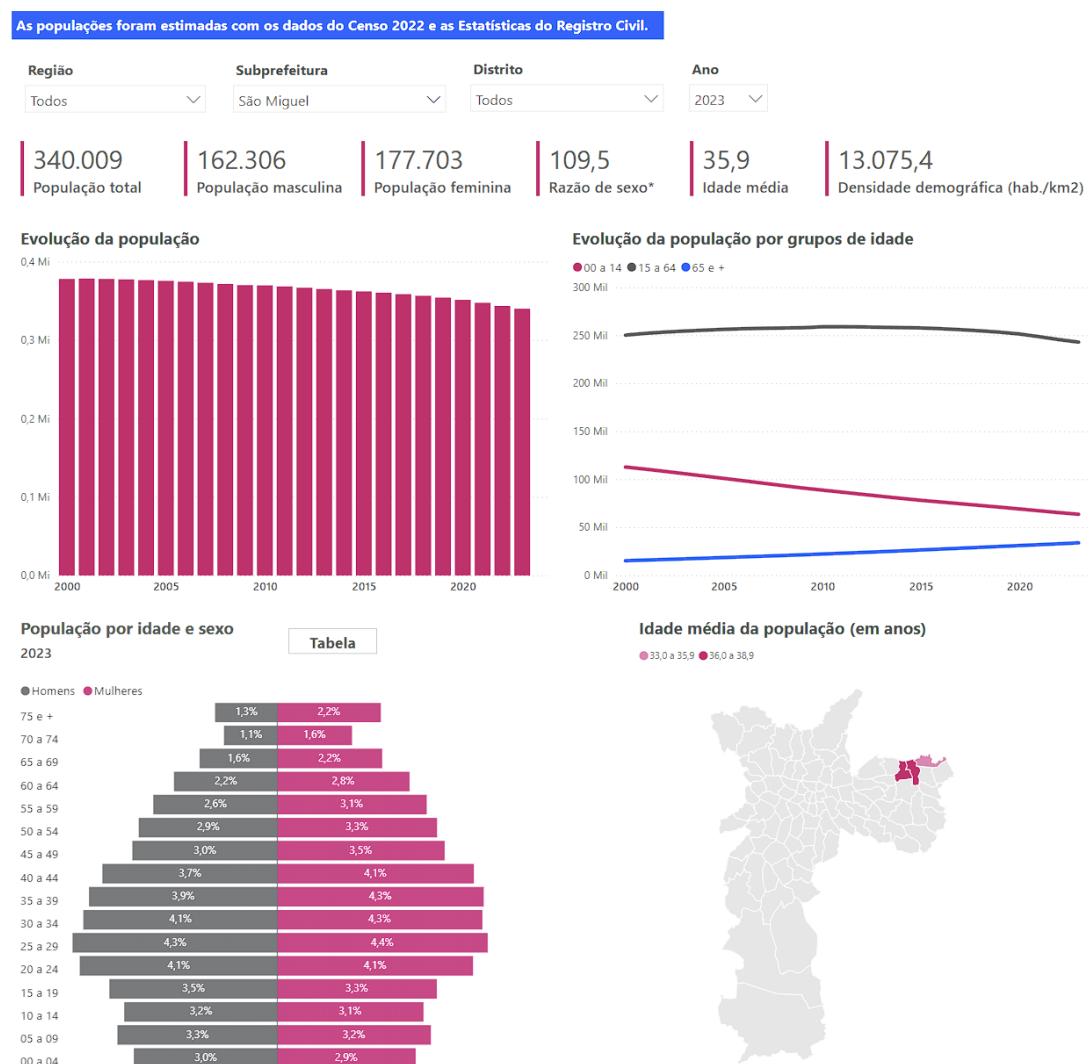
Infográfico 4: Projeção da evolução dos domicílios particulares e habitantes por domicílio no Município de São Paulo entre 2000 e 2050. Nesta projeção, percebemos que apesar de uma certa estabilização na projeção do domicílios particulares ocupados, até o ano de 2050 não ocorre uma diminuição nesta projeção, ao contrário do que vimos nos infográficos anteriores. No mapa da cidade de São Paulo, percebe-se um aumento gradativo nas cores em direção as bordas do mapa, indicando os distritos periféricos com uma concentração de domicílios. Neste infográfico, vemos uma tendência de diminuição na média de habitantes por domicílio. Vemos que em São Miguel a média em 2020 seria de 3,15 pessoas por domicílio.

Projeções dos domicílios realizadas com base no Censo 2010. Novas projeções estão sendo elaboradas.



Infográfico 4. Projeção da evolução dos domicílios particulares e habitantes por domicílio no Município de São Paulo entre 2000 e 2050. – Elaboração: SEADE

Infográfico 5: Evolução da população na Subprefeitura de São Miguel entre 2000 e 2020. Neste infográfico percebemos uma leve diminuição da população de São Miguel a partir de 2011. No recorte da evolução por grupos de idade, percebemos uma leve estabilização no grupo de 15 a 64, entre 2010 e 2020, com uma tendência de queda após este ano. Entre o grupo 65+, notamos desde o inicio um crescimento, porém no grupo entre 00 e 14 ocorre uma diminuição. Na tabela, indicando a população por idade e sexo biológico, notamos um equilíbrio nas porcentagens dos primeiros grupos etários e uma diferença maior e aumento em relação as mulheres nos grupos etários a partir dos 30 a 34. No mapa da cidade de São Paulo, destaca-se os 3 distritos que compõem esta Subprefeitura, Vila Jacui e São Miguel, que tem uma população com idade média entre 36 a 38,9 e Jardim Helena que possui uma média entre 33 a 38,9.



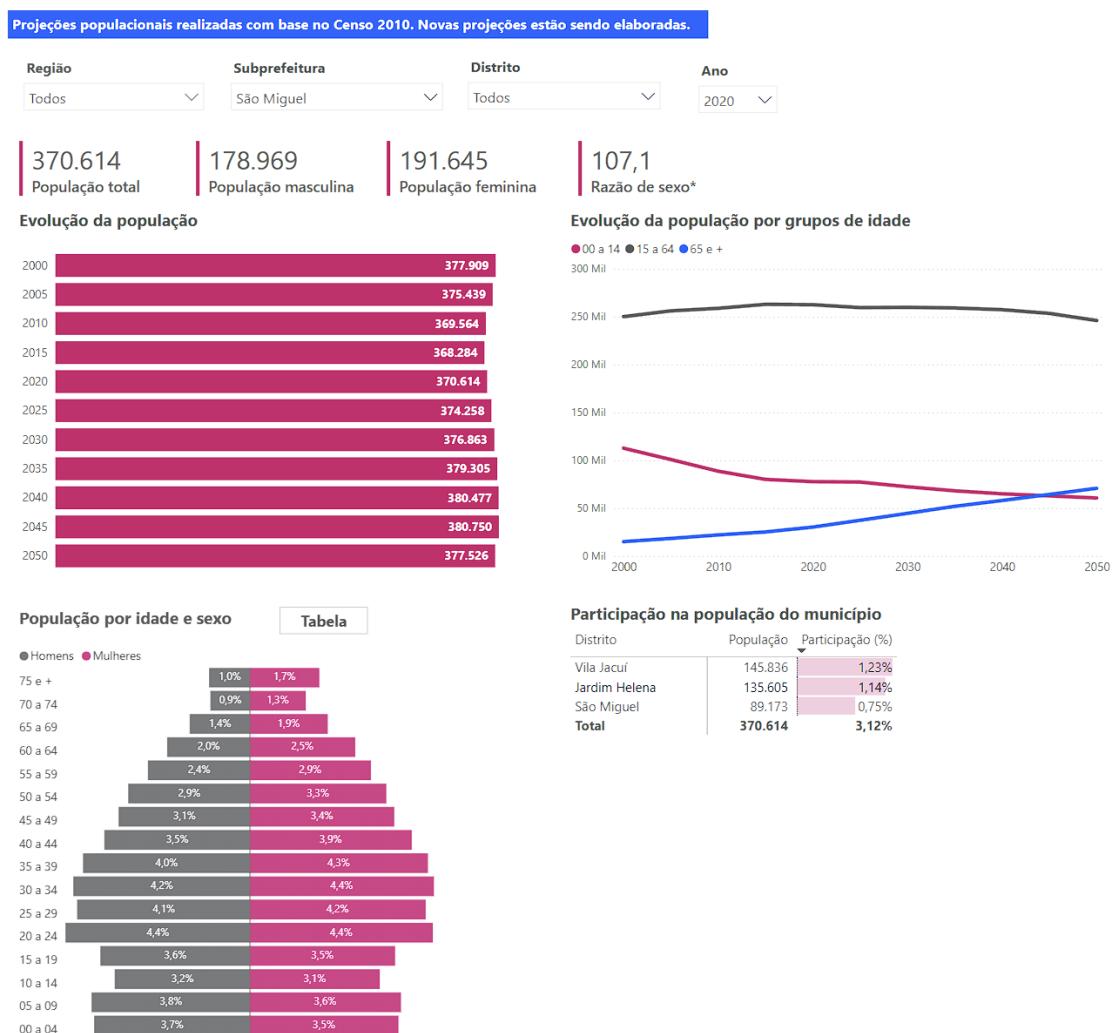
Fonte: Fundação Seade.

Nota: Dados referentes à população residente em 1º de julho. As estimativas populacionais de 2011 a 2023 foram ajustadas com base nos resultados da população total do Censo Demográfico de 2022, considerando os crescimentos vegetativo e migratório observados nos distritos do MSP. A composição etária e por sexo, por sua vez, considerou a resultante da projeção anteriormente realizada pelo Seade para os distritos, pois esta informação do Censo Demográfico ainda não está disponível.

*Número de mulheres para cada 100 homens.

Infográfico 5. Evolução da população na Subprefeitura de São Miguel entre 2000 e 2020. – Elaboração: SEADE

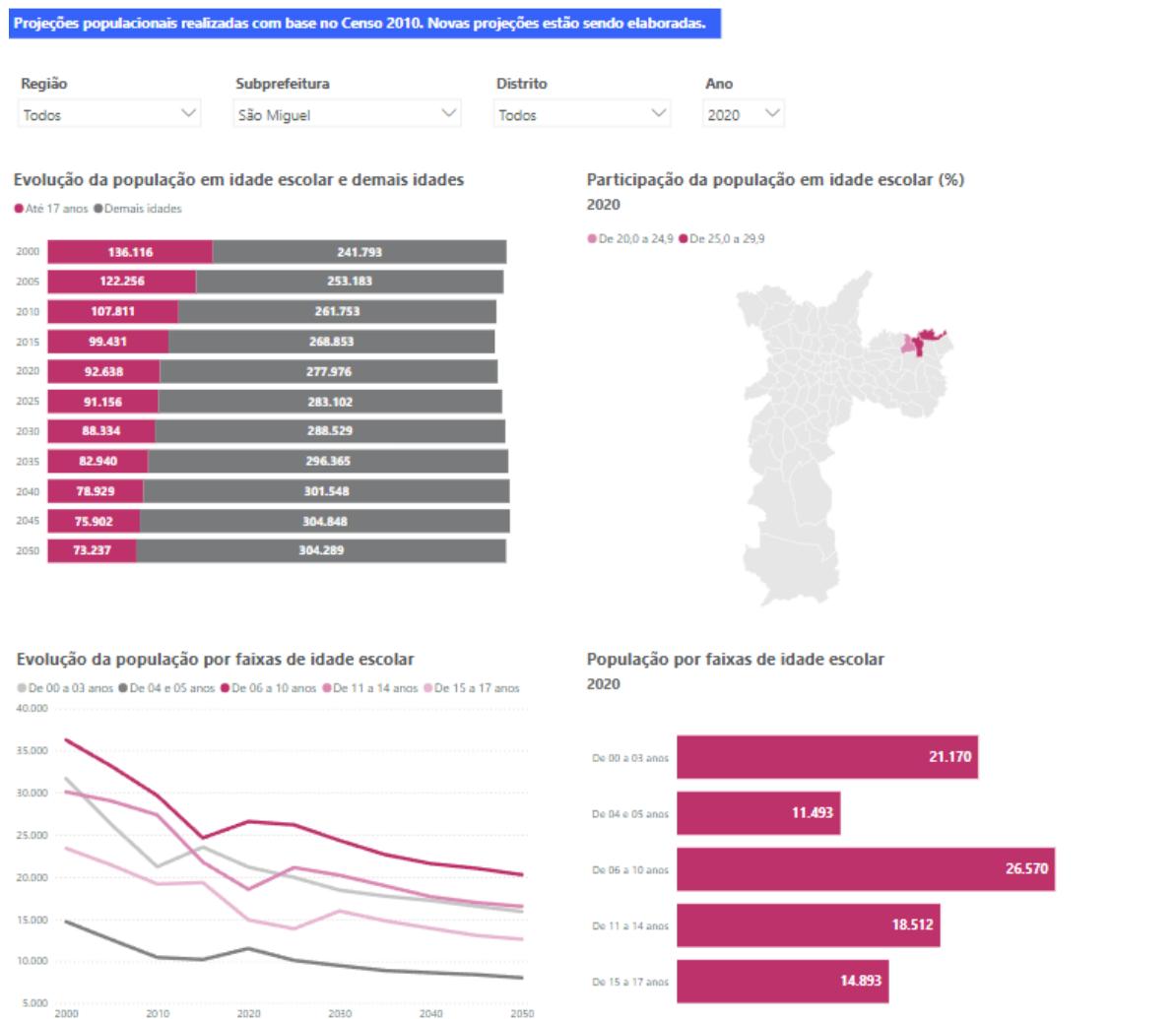
Infográfico 6: Projeção da evolução da população na Subprefeitura de São Miguel entre 2000 e 2050. Nesta projeção, temos um recorte das informações, envolvendo apenas os distritos Vila Jacuí, Jardim Helena e São Miguel. Podemos perceber neste infográfico uma tendência de queda na população até o ano de 2015 e um crescimento entre os anos 2015 e 2045, com uma tendência de queda novamente a partir de 2045. Na linha de evolução por grupo de idade, percebemos que a partir de 2045, está previsto um crescimento de pessoas com mais de 65 anos e uma diminuição no grupo etário entre 00 a 14 anos. Na tabela, indicando a população por idade e sexo biológico, notamos um equilíbrio entre . Neste infográfico, em 2020 conferimos que os distritos Vila Jacuí e Jardim Helena (1,23% e 1,14% respectivamente), possuem uma população maior que São Miguel (0,75%), os três representam 3,12% em comparação ao total da cidade.



Fonte: Fundação Seade.
Nota: Dados referentes à população residente projetada para 1º de julho. *Número de mulheres para cada 100 homens.

Infográfico 6. Projeção da evolução da população na Subprefeitura de São Miguel entre 2000 e 2050. – Elaboração: SEADE

Infográfico 7: Projeção da evolução da população em idade escolar e demais idades na Subprefeitura de São Miguel entre 2000 e 2050. Semelhante ao infográfico da projeção populacional, neste vemos a diminuição gradativa da população em idade escolar, mas na população em geral se repete as estimativas entre crescimento e diminuição. No mapa da cidade, destaca-se os distritos Vila Jacuí, com 20 a 24,9%, São Miguel e Jardim Helena ambos com 25 a 29,9% da população entre idade escolar. No gráfico indicando a evolução por grupo etário, notamos uma tendência de queda a partir de 2030, apesar de um crescimento nos anteriores. No indicativo de 2020 por faixas de idade escolar, temos o grupo entre 06 e 10 anos com a maior quantidade de pessoas e o menor entre pessoas de 04 e 05 anos, seguindo a mesma tendência dos dados da cidade.

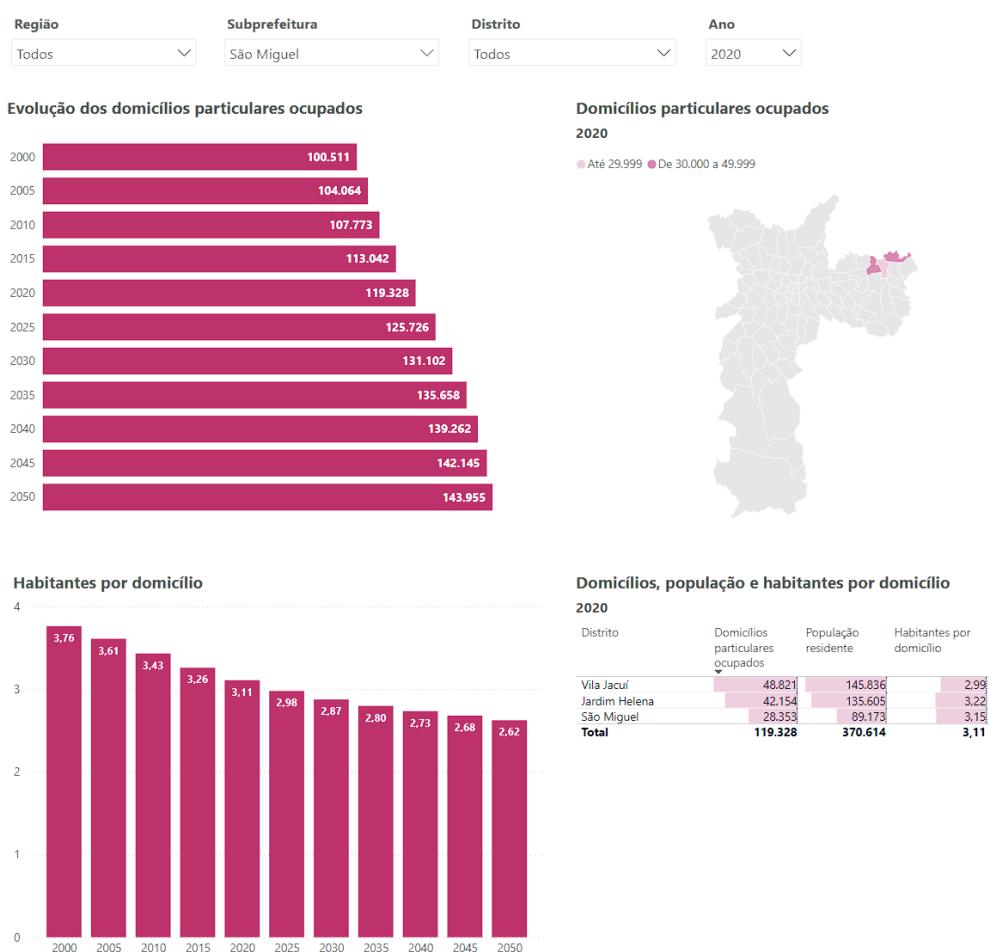


Fonte: Fundação Seade. As populações a partir de 2015 são projeções. Veja conceitos e notas em Anexo Metodológico no Repositório.
Nota: População em idade escolar se refere ao contingente nas faixas etárias atendidas pela educação básica que, de acordo com a lei que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional (Lei 9.394, de 20/12/1996), é composta por: a) educação infantil, oferecida na forma de creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos, e de pré-escolas para aquelas entre 4 e 5 anos; b) ensino fundamental obrigatório, com duração de nove anos, sendo que o fundamental I cobre as idades entre seis e dez anos, e o fundamental II compreende de 11 a 14 anos de idade; c) ensino médio, com duração mínima de três anos, contemplando as idades entre 15 e 17 anos.

Infográfico 7. Projeção da evolução da população em idade escolar Subprefeitura de São Miguel entre 2000 e 2050. – Elaboração: SEADE

Infográfico 8: Projeção da evolução dos domicílios particulares e habitantes por domicílio na Subprefeitura de São Miguel entre 2000 e 2050. Nesta projeção, em contrapartida a estabilização que vemos no infográfico da cidade, ao considerarmos apenas os distritos de relacionados a esta região, notamos uma estimativa de aumento na quantidade de domicílios. Indo na mesma direção dos infográficos anteriores que indicam um crescimento populacional nesta região até 2045 e em conluio com a diminuição da média de habitantes por domicílio, indicado neste recorte e na cidade como um todo. No mapa da cidade de São Paulo, percebe-se uma maior quantidade de domicílios nos distritos de Vila Jacuí e Jardim Helena (30.000 a 49.999) em relação a São Miguel (até 29.999), dado que corresponde a quantidade populacional e deixa a média de pessoas por habitação semelhante entre os 3 distritos, sendo 2,99; 3,22 e 3,15 respectivamente.

Projeções dos domicílios realizadas com base no Censo 2010. Novas projeções estão sendo elaboradas.



Infográfico 8. Projeção da evolução dos domicílios particulares e habitantes por domicílio na Subprefeitura de São Miguel entre 2000 e 2050. – Elaboração: SEADE

Todas as informações estatísticas extraídas do Seade, e comentadas nos parágrafos anteriores, ajuda a compreendemos a diferença entre os distritos mais centralizados e os mais afastados dentro da cidade de São Paulo. Segundo neste raciocínio, trago abaixo uma reportagem e denúncia que o jornal A Pública publicou, relacionando os dados censitários, com a porcentagem de pessoas pretas e pardas por distrito e as regiões mais afetadas por desastres naturais.

Através de dados estatísticos levantados e publicados pelos jornalistas Bianca Muniz e Matheus Santino, através da “A Pública” (agência de jornalismo investigativo A Pública), onde eles denunciam o racismo ambiental e os problemas que sofrem boa parte da população periférica e de maioria negra em São Paulo. Esta reportagem nos traz informações relevantes para compreendemos os dados estatísticos apresentados anteriormente e ajuda a identificarmos os atuais moradores dos distritos que compõem a Subprefeitura de São Miguel (Jardim Helena, São Miguel e Vila Jacuí).

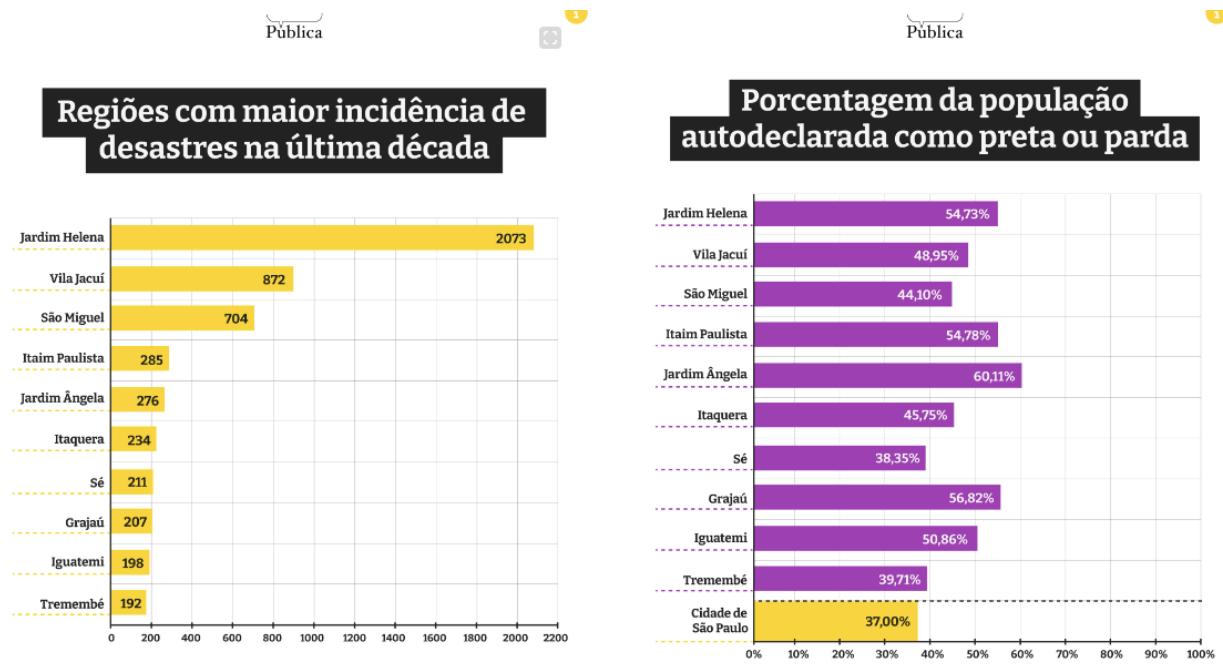
POR QUE ISSO IMPORTA?

- A apuração mostra que na maior cidade do Brasil, bairros com maior população negra têm mais casos de alagamentos, inundações e deslizamentos na última década. Os desastres estão concentrados em áreas periféricas, sobretudo na Zona Leste da cidade
- Especialistas apontam que conceitos como o racismo ambiental ajudam a explicar tanto a demora do poder público em tomar medidas contra esse problema, quanto a falta de opção de moradia que parte da população negra enfrenta

Texto extraído de reportagem da Bianca Muniz e Matheus Santino, através da “A Pública - Gerado pela A Pública.

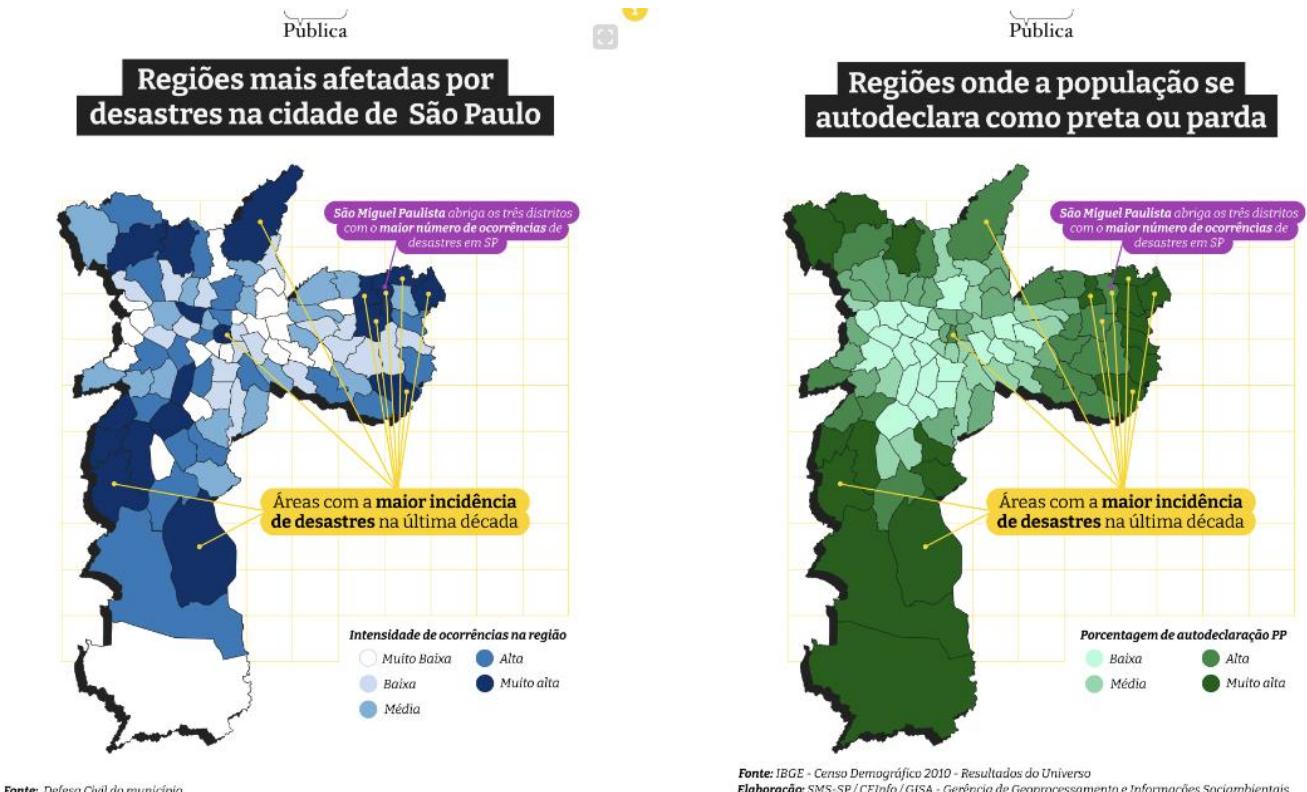
De acordo com a reportagem “Os distritos do Jardim Helena, Vila Jacuí e São Miguel Paulista são os com a maior média de ocorrências no período. Só no Jardim Helena são mais de 2 mil casos na década. Os três distritos ficam na região administrada pela subprefeitura de São Miguel Paulista, na Zona Leste da capital. Além da proximidade, outra característica une os distritos: os três têm população preta ou parda acima de 37%, que é a proporção na cidade de São Paulo. A população negra do Jardim Helena, Vila Jacuí e São Miguel é de aproximadamente 55%, 49% e 44% respectivamente. Os três distritos, juntos, concentram quase um terço das ocorrências de alagamentos, inundações e deslizamentos registradas na década.”

Infográfico 9: Regiões com maior incidência de desastres naturais na última década – Porcentagem da população autodeclarada como preta ou parda.



Fonte: Defesa Civil do município

Infográfico 9. Regiões com maior incidência de desastres naturais na última década – Porcentagem da população autodeclarada como preta ou parda – Censo 2010. – Elaboração: A Pública



Fonte: Defesa Civil do município

Figura 5. Mapas do município de São Paulo- Gerado pela A Pública

(Bianca Muniz e Matheus Santino, através da “A Pública”, <https://apublica.org/2024/02/bairros-perifericos-e-de-maioria-negra-sao-os-mais-afetados-por-desastres-em-sao-paulo/> acessado em 11/2024).

Abaixo algumas imagens extraídas do site Geosampa (Mapa Digital da Cidade de São Paulo), onde utilizamos como recorte o entorno da Capela de São Miguel Arcanjo.

Mapa de 2004, primeira Ortofoto disponível pelo Geosampa. Nela podemos observar como se dá a formação das quadras os seus usos no entorno da praça do forró. Observando os grandes telhados, é possível imaginar a ocupação predominante de comércios no entorno e o surgimento do primeiro prédio acima de 10 andares no bairro.



Mapa de 2017, segunda Ortofoto disponível pelo Geosampa. A principal diferença que podemos observar fazendo um comparativo entre as imagens de 2004 e 2017, foi o adensamento habitacional ocorrido, principalmente na parte superior da imagem, logo acima da linha ferroviária.



Mapa de 2020, terceira e última Ortofoto disponível pelo Geosampa (até o último acesso em 11/2024), não foi possível identificar visualmente grandes mudanças ocorridas no bairro entre 2017 e 2020.

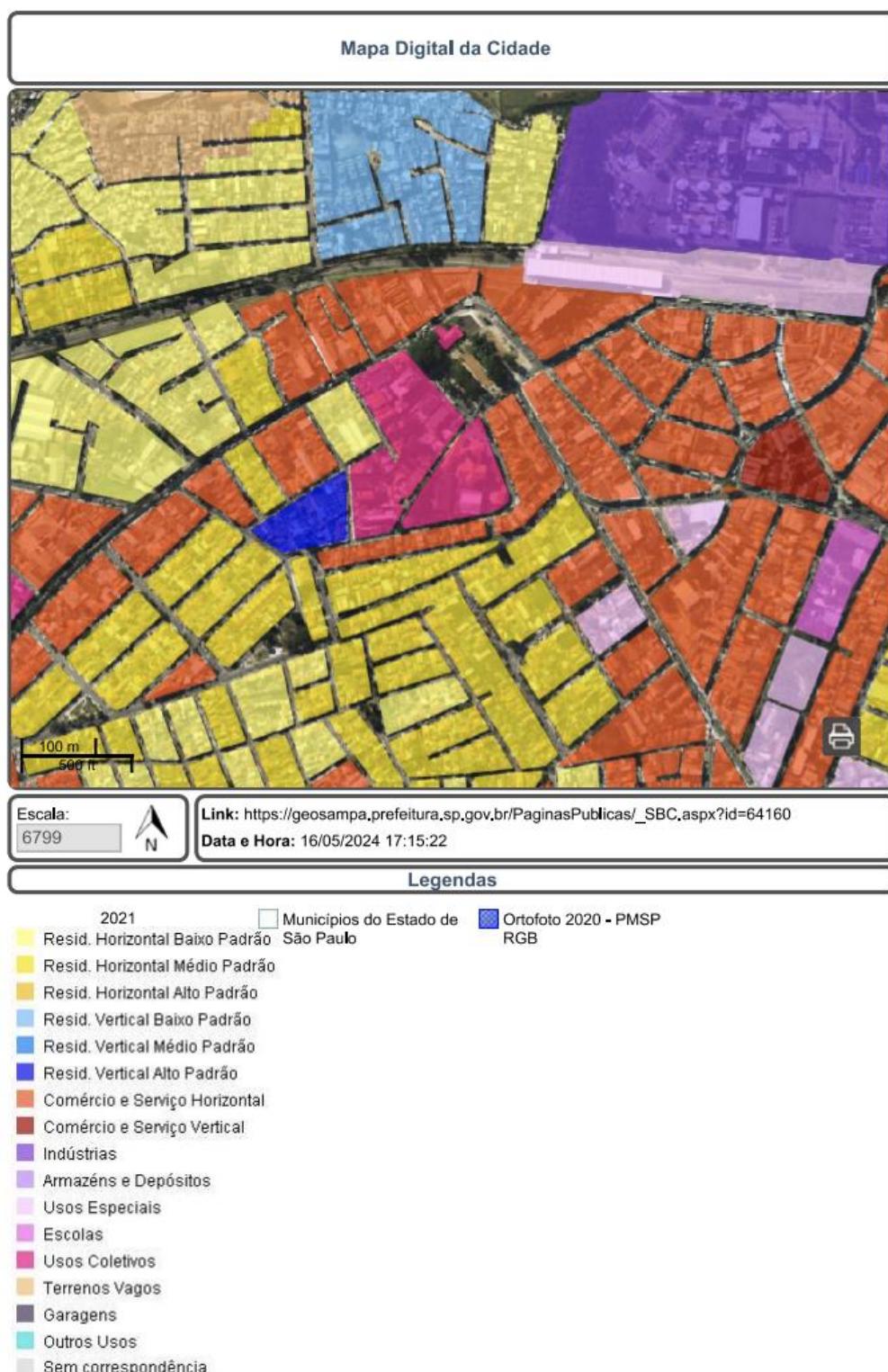


Legendas

Municípios do Estado de São Paulo Ortofoto 2020 - PMSP RGB

Abaixo, podemos visualizar 4 mapas, extraídos pelo Geosampa.

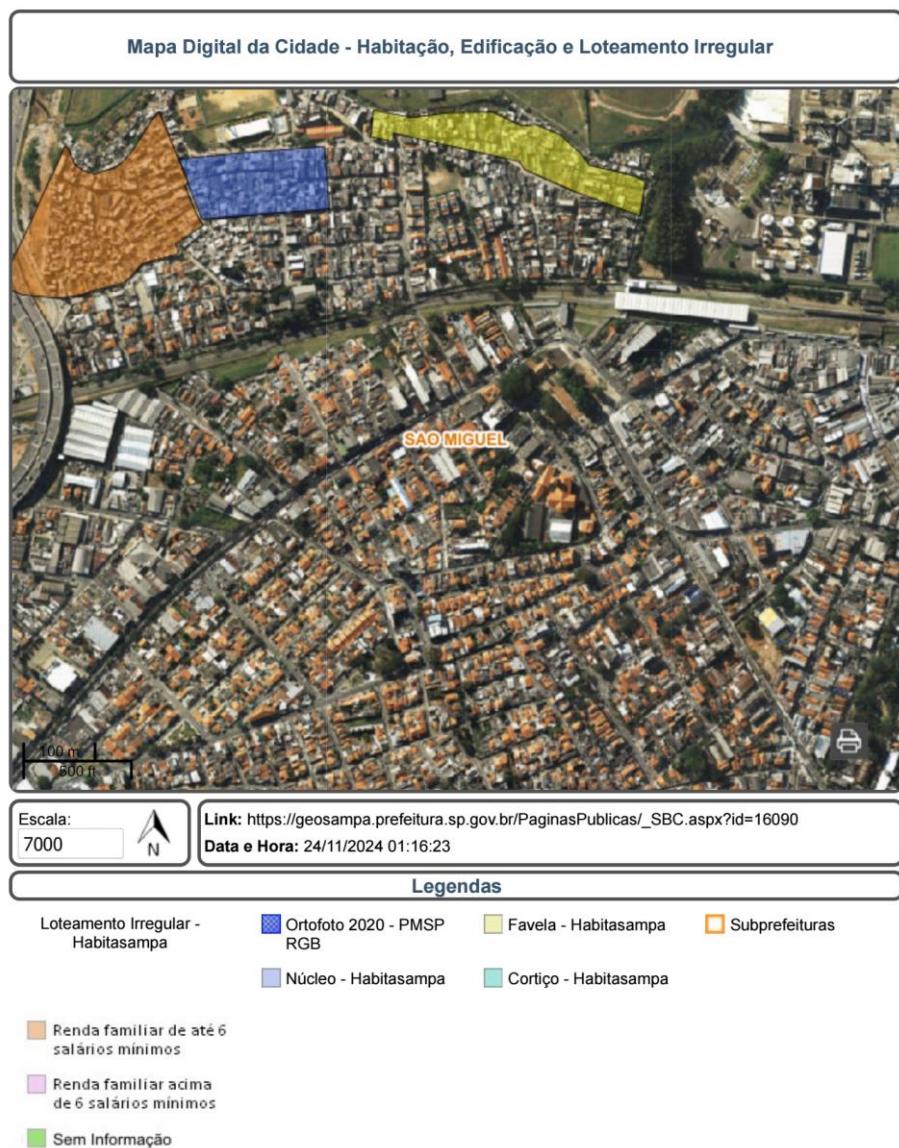
O primeiro nos mostra o uso predominante do solo e nele podemos notar que a grande concentração dos seus usos estão relacionados ao comércio.



Mapa do Geosampa, com as informações relacionadas a Habitação, Edificação e Loteamento Irregular. Podemos observar, neste recorte um único espaço identificado pela PMSP como Favela, localizado entre a linha ferroviária da CPTM e uma unidade de Estação de Tratamento de Esgoto da Sabesp, podemos visualizar a favela do Jardim Lapena.

: Sistema de Consulta do Mapa Digital da Cidade de São Paulo :.

https://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_Impressao.asp...



Mapa extraído do Geosampa onde podemos visualizar que a densidade demográfica, tem maiores concentrações na parte superior da imagem, conseguimos então relacionar esta informação com o mapa anterior, onde temos nestas mesmas áreas os polígonos indicando as áreas de favela, “loteamento irregular” e setores censitários com renda familiar de até 6 salários mínimos. As regiões diretamente no entorno da Capela e Praça do Forró, tem uma alta concentração de comércios, podendo este fator impactar na densidade demográfica desta área.

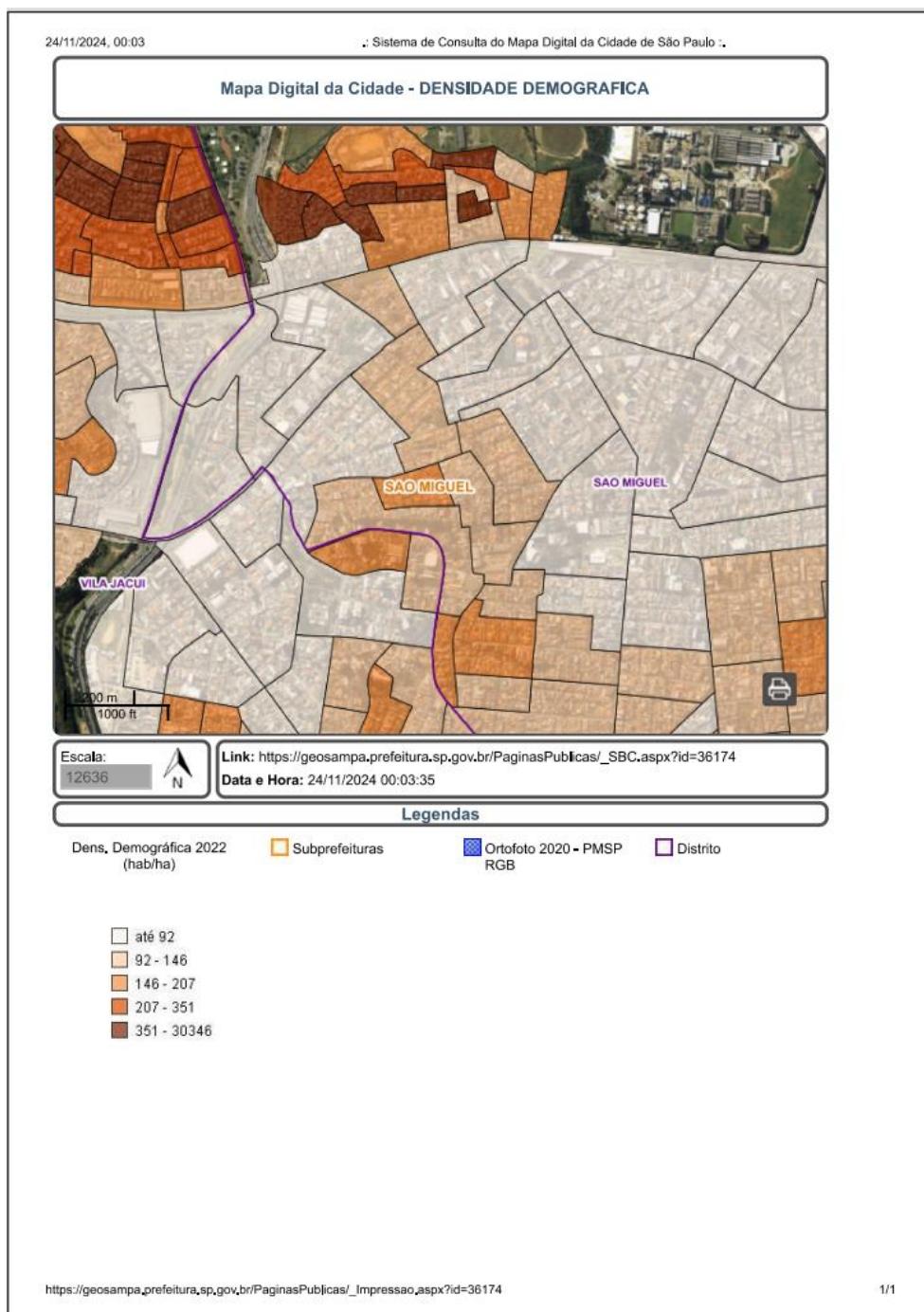


Figura 11. Ortofoto 2020 – Densidade Demográfica - Gerado pelo Geosampa

No mapa abaixo, utilizando o mesmo recorte de área dos anteriores, podemos visualizar as informações de vulnerabilidade social extraídas pelo Geosampa. Em conluio com os últimos 3 mapas, notamos que as regiões com maiores vulnerabilidades sociais se encontram na parte superior da imagem, a esquerda da linha ferroviária e mais próxima as margens do Rio Tietê (que não aparece nos recortes feitos, devido ao foco no entorno da Capela).

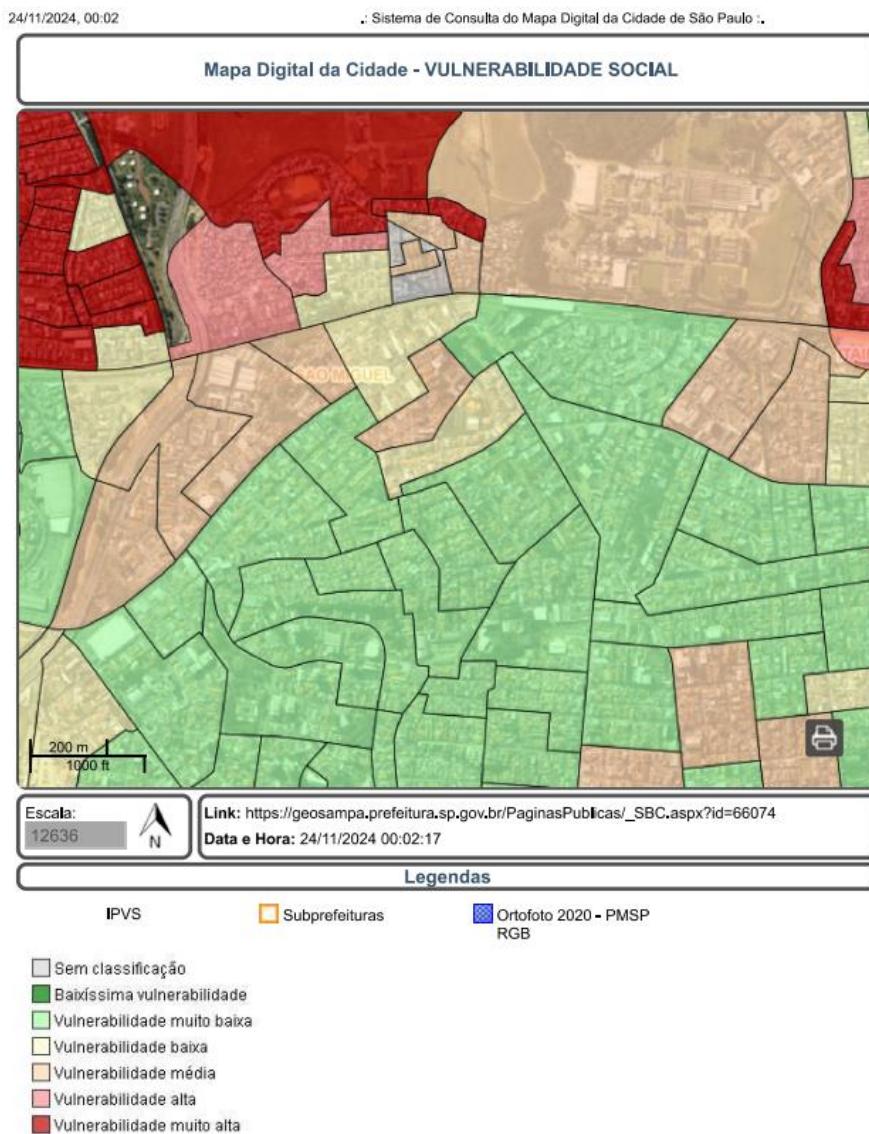


Figura 12. Ortofoto 2020 – Vulnerabilidade Social - Gerado pelo Geosampa

Podemos notar, ao analisar estas imagens obtidas no Geosampa que os principais problemas de infra-estrutura urbana e social aparecem nas áreas acima da linha ferroviária, espaço este ao lado oposto de onde surgiu as primeiras vilas operárias destinadas aos funcionários da Nitro-Química, comentadas no capítulo anterior.

Abaixo, trago um mapa recortado diretamente no Google MyMaps, com uma imagem de satélite de 2024 e um polígono do que foi identificado como zona comercial através dos trabalhos de campo. Foi nesta área onde foi realizado as derivas de campos e envolve o recorte ao qual foi dado mais enfoque neste estudo, o entorno da praça Praça Padre Aleixo Monteiro Mafra, mais conhecida pelo seu nome popular como Praça do Forró.

Pela observação realizada nos trabalhos de campos e na imagem do uso do solo, podemos identificar que os imóveis do entorno da praça estão em sua grande maioria relacionados a atividade comércial e apenas se afastando um pouco da praça é possível visualizar a parte mais residencial. Esta característica de zona comercial no entorno da Praça do Forró (Praça Padre Aleixo Monteiro Mafra), aproxima ou colabora para isolar as pessoas em suas relações cotidianas e no conceito denominado de vida de bairro, termo aprofundado pela professora Odette Seabra e serviu de motivação e provação para a criação e desenvolvimento deste estudo.

Mapa digital da cidade São Paulo



<https://www.google.com/maps/d/u/0/print?hl=pt-BR&mid=10KZIB8U146VUUgPQj0Fsy0VKf39W59I&pagew=612&pageh=792&lsw=-23.493344%...> 1/1

Figura 13. Imagem de Satélite 2024 – Gerado pelo Google Maps

4. VIDA DE BAIRRO E COTIDIANO

Neste capítulo, irei de forma resumida trazer os elementos da vida cotidiana, utilizando dos conceitos extraídos, principalmente, das obras e contribuições da professora Odette Seabra e como estes elementos são perceptíveis tanto no processo histórico, quanto nos dias atuais do bairro de São Miguel e especificamente na região que envolve o entorno da Capela de São Miguel Arcanjo.

Segundo Seabra (2004) o cotidiano urbano se formou juntamente com a progressão da industrialização, já que ao se concentrarem nas vilas operárias criadas diretamente ou não pela indústria local, estes trabalhadores junto a sua mão-de-obra também preenchiam estes espaços com vida. “Toda a São Paulo dos anos quarenta e cinqüenta do século XX fervilhava de operários com suas famílias, seus grêmios, suas crenças.” (Seabra, 2004, p. 187).

Seabra (2007, p. 182) nos fala sobre como enquanto a industrialização progredia e aumentava a massa trabalhadora, também se aprofundava a divisão de trabalho nas fábricas e serviços urbanos. Este processo, também foi estudado no processo histórico de formação e ocupação do bairro de São Miguel, de acordo com Fontes (2002), a fábrica da Nitro-Química utilizava as casas das vilas operárias construídas por eles, como um “atrativo para fixar a mão-de-obra qualificada e/ou essencial para sua produção”. Apesar do forte processo de expansão e surgimentos de novas vilas e jardins na região, ocasionado pela chegada de migrantes na região e adensamento populacional, o acesso à moradia das casas diretamente relacionadas a Nitro-Química, permaneceu limitada e restrita as pessoas que os dirigentes da fábrica julgavam importantes e imprescindíveis a continuidade do trabalho. São Miguel, foi uma comunidade fortemente marcada pela presença da Nitro-Química e de acordo com Fontes (2002, p. 237) era previsível que a divisão do local de trabalho entre chefes, técnicos especializados e operários fosse refletido na vida do bairro, sendo facilmente visível estas distinções entre as diversas vilas e localidades da região.

Esta característica, não exclusiva do bairro de São Miguel, são um dos motivos que motivou a elaboração deste trabalho, pois usando este bairro e o entorno da Capela de São Miguel Arcanjo como um recorte espacial, temos todos os elementos para compreender a formação de um bairro, dentro do contexto urbano de São Paulo e em

paralelo a isso, o início da vida de bairro e facilmente identificar neste processo os conceitos aprofundados pela Seabra sobre este tema.

São Miguel, dentre as particularidades que sua formação, teve também o processo controlador e de união promovida pelo empresários e diretores da Nitro-Química, envolvendo os seus trabalhadores e também os demais moradores do bairro. De acordo com Marcondes (2009, p. 70) a direção da Nitro-Química utilizava das publicações do Jornal Nitro (um meio de comunicação impresso), para através dele fazer discursos motivadores e ideológicos com a intenção de emocionar e mobilizar os trabalhadores e moradores, fazendo com isso se sentirem que estão contribuindo não apenas para a fábrica e sim contribuindo diretamente para o progresso e desenvolvimento do país. Estes elementos, juntamente com o processo de migração e chegada a um novo território, assim como o processo de aprendizagem para desempenhar uma nova função, já que muitos dos trabalhadores que compunham a mão de obra da fábrica eram de pessoas vindas do campo, sem muita experiência nos trabalhos que vieram a realizar na Nitro-Química e outras indústrias, foi importante no processo e desenvolvimento da criação de uma vida de bairro em São Miguel.

Estes elementos, convergem diretamente com as transformações que Seabra (2004, p. 188) utilizando de algumas crônicas referentes aos processos iniciais do processo da industrialização e formação dos bairros urbanos e operários, relata quando relaciona que a formação de um tempo social que, ao relacionar as diferentes esferas da existência (no trabalho e fora do trabalho), ocasionou no processo de criação da vida cotidiana como experiência de espaço e de tempo na modernidade, neste período inicial da industrialização as práticas e atividades que envolviam o trabalho e a família, se articulavam, quase sempre no mesmo lugar. Em São Miguel, este processo é identificado desde sua formação como um bairro industrial e se deu ao menos até o período entre os 1970 e 1980, quando segundo Camargo (2017, p. 84) o bairro passou de uma condição sendo um dos distritos industriais mais importantes e representativos de uma época, para a de um bairro dormitório que acomoda uma grande quantidade de população trabalhadora.

De acordo com Seabra (2003, p. 22), o bairro pode ser identificado como um espaço de representação do vivido, ocasionado pelas relações cotidianas que ali acontecem. “Pela disposição dos caminhos, das ruas, das casas é possível inferir sobre a vida de

bairro, esta que, em verdade, é o conteúdo do bairro, é aquilo que o define". A vida de bairro floresceu e se desenvolveu através dos impulsos positivos do processo inicial da industrialização, Seabra relaciona como a urbanização ocorre em função e de forma "symbiose" com a industrialização e de como este processo aparece por completo na vida de bairro, mas destaca que ao se estudar um bairro é importante "considerar que a cidade é a totalidade de referência para o bairro" (2003, p. 23). Sendo importante este destaque para compreendemos que todos os processos históricos que ocorreram em São Miguel, tem relação direta com a cidade de São Paulo e com os próprios movimentos históricos ocorridos na cidade.

Segundo Seabra (2000, p. 17), podemos entender a vida de bairro como uma experiência coletiva, envolvendo o modo de vida urbano com o estilo de vida do campo, sendo até mesmo a segregação socioespacial vista positivamente como algo "natural" apesar das contradições que estão implícitas nesta questão. Seabra relaciona o quanto a vida de bairro como algo qualitativo, tinha estava intrinsecamente relacionado ao modo de vida no início da urbanização, em sua obra (2000 e 2003) relaciona a vida do bairro com os eventos promovidos pela Igreja, o catolicismo teve um papel importante, não apenas na formação dos bairros (e das cidades) como também no envolvimento dos moradores e trabalhadores com os bairros que residiam, colaborando para a vida de bairro e também ajudando a criar um sentimento de identidade e pertencimento com o bairro. Com o surgimento das fábricas, vimos que elas ajudaram na criação e construção da identidade das pessoas com o lugar que trabalhavam e moravam. O futebol e os times de várzea que se formaram em toda São Paulo, principalmente no século XX, foi algo que também colaborou para a vida de bairro, a criação e fortalecimento de uma identidade e também a sensação de pertencimento relacionado ao bairrismo.

Seabra (2000, p. 17), relata a curiosidade de como a vida de bairro chegou a ser tradução de conteúdos qualitativos, mesmo na era industrial, tendo este processo qualitativo ocorrido até a expansão da cidade de São Paulo, nos anos 50, onde posteriormente e como resultado da forte "explosão" urbana, ou seja o forte crescimento e adensamento populacional ocasionada pela rápida e desenfreada modernização que acontecia e seguiria acontecendo em São Paulo, resultou no processo de valorização da "propriedade territorial" como algo essencial para moldar as relações humanas. Desta forma Seabra (2000, p. 17) relata como a urbanização

foi moldando a metrópole e moldou as relações humanas dentro deste contexto, para não suprimir as relações e os espaços qualitativos, já que são estes elementos e relações que possibilitam a vida, mudaram e privaram os espaços de encontros e lazer, os espaços qualitativos foram inseridos dentro da valorização da propriedade territorial e da lógica do mercado capitalista, onde os campos de várzea, perderam seus lugares e deram valor aos espaços fechados como os grandes clubes e o surgimento e valorização de uma indústria do entretenimento. De acordo com Seabra, esse processo acarreta uma perda significativa das interações sociais cotidianas, antes vivenciadas no convívio com os vizinhos, através da ocupação das ruas e demais espaços abertos, atualmente as relações estão se isolando em espaços fechados e privativos enfraquecendo o sentimento de pertencimento ao lugar e a identificação com os elementos característicos da vida de bairro.

E, por último, na metrópole, as identidades estão sendo libertadas dos enraizamentos territoriais dos quais o bairro foi na história urbana o nível mais elementar. Por isso, os pertencimentos tendem a ser eletivos, fundados em auto-reconhecimentos. As identidades são mobilizadas para outras esferas da vida e outras escalas, portadoras de outros conteúdos. É por isso possível falar sobre bairro e seus traços remanescentes, mas impossível recriá-lo. Seabra (2000, p. 17)

Seabra em sua obra realiza uma análise detalhada do processo histórico e de urbanização que envolve o bairro do Limão, em sua tese de livre docência de 2003, fazendo a junção entre a transformação do bairro e da metrópole, buscando compreender como estas mudanças afetam o espaço geográfico como um todo, desde as mudanças físicas do bairro e as transformações da sociedade e suas práticas sociais em respostas ou em consequência das mudanças do bairro. Esta obra, serviu como grande fonte de inspiração para este trabalho, já que foi possível encontrar muitos dos elementos descritos por Seabra nos processos históricos que envolvem São Miguel, salvo suas particularidades. Para não se perder em relação ao objetivo deste trabalho e do seu recorte espacial envolvendo São Miguel Paulista, irei focar em descrever deste momento em diante alguns relatos encontrados no artigo “A DEMANDA DA IGREJA VELHA: ANÁLISE DE UM CONFLITO ENTRE ARTISTAS POPULARES E ÓRGÃOS DE ESTADO” dos autores Antônio Augusto Arantes e Marilia de Andrade, que ao relatar o desenvolvimento de um movimento popular de arte em São Miguel, traz incríveis elementos no qual podemos identificar alguns

conceitos relacionados ao cotidiano, ao bairrismo e a vida de bairro na São Miguel dos anos 1970, elementos estes aprofundados pela Seabra e que norteiam este trabalho.

Em 1978, Arantes e Andrade (1981, p. 98) foram solicitados para realizar uma pesquisa sobre a produção artística popular na região de São Miguel Paulista, esta pesquisa tinha como objetivo o desenvolvimento de uma nova política de “revitalização” dos sítios de valor histórico e/ou artísticos sob responsabilidade de um órgão da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. Esta pesquisa proporcionou ao Arantes e a Andrade ao encontro com inúmeros artistas “(músicos, poetas, pintores, bailarinas, atores e fotógrafos)”. (1981, p. 98).

Antonio Augusto Arantes, pertencia na época ao Departamento de Antropologia da Universidade Estadual de Campinas e Marilia Andrade ao Departamento de Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Morais, 2007, p 107

Segundo Arantes e Andrade (1981, p. 98), naquela época estava em alta no Brasil a visão de que era necessário, para humanizar a vida nas grandes cidades, criar centros culturais ou oficinas de arte. Sendo estas preocupações direcionadas a população de subúrbios e bairros periféricos, que de acordo com a perspectiva dominante na época, eram ““desprovida de equipamentos culturais e lazer” e “massacrada” pela cultura estandardizada dos meios de comunicação de massa. Segundo essas concepções, as artes populares, por serem formas de expressão mais "genuínas" das camadas sociais subalternas, são vistas como focos de resistência possíveis a esse processo de estandardização da cultura, devendo, portanto, ser fomentadas.” Arantes e Andrade (1981, p. 98).

Para realizar esta pesquisa, Arantes e Andrade (1981) fazem um breve relato histórico do bairro de São Miguel e descrevem alguns dados estatísticos relacionados ao ano de 1977, onde tinha uma população estimada de 310 mil habitantes.

São Miguel era um bairro com função predominantemente residencial (70% da população economicamente ativa se desloca para o trabalho e 93% das edificações são para uso residencial) (2), onde vivem principalmente trabalhadores manuais (em 1972, 40% dos chefes de família eram operários não especializados) (3). Seus moradores provêm de diversas regiões do país, sobretudo do Nordeste. Vivem em quartos de aluguel ou em pequenas casas, em geral construídas ou ampliadas em fins de semana por eles próprios, eventualmente ajudados por parentes, amigos e vizinhos. Quando proprietários,

frequentemente a documentação é precária devido ao caráter clandestino de grande parte dos loteamentos onde podem se aventurar a adquirir um pequeno lote. Se 87% dessas casas servidas de luz elétricas, apenas 28% possui água encanada e 7%, esgoto (4); as demais casa são abastecidas por poços ou fossas, numa área de alta densidade demográfica (5,2 pessoas em domicílio em média). Com coeficiente de mortalidade infantil em elevação (122,37 em 1970 e 124,95 em 1976), com 3 mil tuberculosos e muitos problemas sanitários, o bairro possui centros de saúde com capacidade de atender no máximo 80.000 pessoas e apenas 115 leitos hospitalares (85 em expansão) (5). Arantes e Andrade (1981, p. 98).

Segundo Arantes e Andrade (1981, p. 98), a pobreza da população e dos equipamentos públicos, além da dificuldade de acesso aos poucos recursos públicos disponíveis, acabaram por proporcionar o desenvolvimento de atividades artísticas e de lazer, que de certa forma, não necessitassem dos equipamentos públicos aos quais eles tinham dificuldade ou até mesmo nenhum acesso. Surgindo desta forma um grande número de associações esportivo-recreativas voltadas a prática de futebol de várzea, assim como crescem os jogos de bilhar e dominó nos bares e multiplicam-se a quantidade de pessoas aglomeradas nas esquinas, nos bares e nos quintais. Muitos destes espaços de encontros e reuniões das pessoas, promoviam a música, as artes plásticas e o teatro. Por outro lado, os grupos econômicos mais privilegiados do bairro “(oriundos do comércio e das profissões liberais)” (Arantes e Andrade 1981, p. 99), reunia-se em torno das associações surgidas da história local e posteriormente em associações mais amplas como o Rotary, o Lyons e a Maçonaria.

Segundo os autores, estes vários grupos de moradores, informais e formais, tem disputado ao longo da história do bairro, o uso e controle dos espaços e equipamentos necessários à produção artística e do lazer. “Esse processo pode ser interpretado como parte dos mecanismos através dos quais um setor emergente da "sociedade local" tem procurado legitimar-se perante os demais e exercer a direção intelectual e moral da comunidade.” Arantes e Andrade (1981, p. 99). Um grupo que surgiu neste período, de acordo com os autores, foi MPA (Movimento Popular de Arte), um coletivo que reunia os diversos artistas do bairro, através deste movimento, os artistas promoviam eventos, debates e outras ações para os usos dos espaços coletivos e a divulgação das suas produções culturais.

Arantes e Andrade ao descreverem em sua pesquisa, sobre a São Miguel do ano de 1977, trazem importantes relatos e descrições, as quais podemos correlacionar com os elementos aprofundados por Seabra, onde demonstram uma identidade local, um

cotidiano vivo e uma vida de bairro. São estes elementos como as associações esportivas relacionadas ao futebol de várzea, os jogos de bilhar e dominó nos bares e a quantidade de pessoas aglomeradas nas esquinas, bares e quintais de suas casas, que nos mostram como era facilmente perceptível a convivência entre os moradores de São Miguel naquela época, que fomentaram a pergunta central deste trabalho, colaborando para mostrar que (talvez pelo processo tardio de urbanização, em comparação aos bairros mais centrais de São Paulo) no final dos anos 1970, apesar do explosivo crescimento populacional e da perda das características de um bairro operário e a mudança para as características de um bairro dormitório, o cotidiano nesta época era composto pelas pessoas ocupando e usufruindo das ruas e demais locais abertos ao público.

Nos anos 1980, um dos usos em relação a praça e que colaborou para a mudança pelo qual o nome da praça ficou conhecido, sendo principalmente a partir desta época que começou a ser chamada de Praça do Forró, este fato ocorreu sobretudo devido as apresentações de forrós que ocorria aos sábados, estes shows aconteceram através de uma parceria entre o Movimento Popular de Arte (MPA) e a Prefeitura de São Paulo, a praça chegou a ter um palco entre 1992-2007 para as apresentações de forró, mas este palco foi demolido em 2007 em decorrência de uma revitalização da Capela no mesmo ano, segundo Morais (2007, p. 122). De acordo com a autora e de relatos coletados pela mesma, a mudança na forma popular ao qual a praça começou a ser chamada, foi motivos de disputas entre os moradores que de um lado se identificam mais o nome Padre Aleixo e queriam que se mantivesse este nome e por outro lado, as pessoas que se identificam com o nome Praça do Forró e queriam a mudança oficial para este nome.

Essa disputa pelo nome da praça demonstra que os lugares são apropriados segundo os significados que têm determinados grupos. Enquanto Padre Aleixo, a praça representa a memória daqueles que fizeram parte de uma época, e que encontraram, ao longo do tempo, formação, informação e conformação num universo cultural, cuja figura do homenageado era significativa; por outro lado, enquanto Praça do Forró, outras memórias são produzidas. São inscritos nesse espaço público outros usos e significados ligados aos grupos que se identificam com esse ritmo, traduzido pela

presença significativa de nordestinos em função do trabalho nas indústrias e que se apropriaram desse espaço para preservação de seus costumes. Dessa forma, o que cada grupo ou pessoa elege e legitima como nome mais adequado é o resultado de operações de seleção e combinação, que mudam segundo o objetivo das forças que disputam a hegemonia ou a permanência de seus pactos sociais. Praça Padre Aleixo Mafra ou Praça do Forró: lá está a Capela de São Miguel Arcanjo. Para ambas as praças a Capela é referência, constitui-se num elemento agregador de ações, seja na luta para utilizar os espaços da praça para manifestações nordestinas, para as saídas das procissões, para os atos litúrgicos ou para um passeio matinal; a praça e a Capela se confundem. Morais (2010, p. 06).

Estamos em 2024, será possível, facilmente identificar se no bairro de São Miguel dos dias atuais, especificamente no entorno da Capela de São Miguel Arcanjo e da Praça do Forró (Praça Padre Aleixo Monteiro Mafra), elementos que demonstrem um cotidiano e uma vida de bairro, ao menos semelhante ao relatado por Arantes e Andrade em 1977?

Para responder a esta questão, vou iniciar relatando as interpretações que tive ao realizar três idas a campo (nos meses abril, outubro e novembro de 2024), fazendo percursos diferentes, mas caminhando sempre pelas ruas que compõem o entorno da Capela. Iniciei todos os campos saindo da estação São Miguel Paulista da CPTM, utilizando a saída localizada em frente à Praça do Forró (Praça Padre Aleixo Monteiro Mafra). Ao andar pela praça, ruas e avenidas diretamente do seu entorno, a impressão que tive foi que a praça atualmente é utilizada pelas pessoas que estão sempre em movimento, seja para se dirigirem aos comércios próximos, bancos ou órgãos governamentais, ou diretamente para a estação de trem. A interpretação que obtive foi de que as pessoas estavam de passagem pelo local, indo ou saindo da estação de trem, não tive a impressão de ter moradores do entorno utilizando o espaço da praça para uma ocupação de lazer ou algo semelhante. Pude observar que na praça (ao menos nos sábados) tem sempre uma feirinha com barracas vendendo produtos artesanais (objetos de decoração e roupas) e comida (pastel e yakisoba).

Nas quadras que ficam no entorno e de frente com a praça, o uso se dá 100% pela ocupação de vários tipos de comércios, sendo academias, bares, crediários, drogarias e lanchonetes.

Dentre as pessoas que observei pela praça, algumas estavam sentadas outras caminhando. Em um dos campos, tinha um grupo de pessoas de skate reunidos na praça, mas que estavam parados e não sei se eles poderiam usufruir dos lugares amplos e vazios que tem por lá para praticar o esporte. Levando em consideração

Além das pessoas trabalhando com as barracas na feirinha, observei em algumas esquinas alguns senhores atuando como flanelinha e guardando alguns carros e vagas de estacionamento.

Outra observação que me chamou atenção em relação aos usos da praça foi identificar algumas pessoas em situação de rua que dormem em barracas num canto mais vazio e pouco movimentado do lugar.

Observando mais os tipos de moradias, considero que o entorno direto da Praça do Forró (Praça Padre Aleixo Monteiro Mafra), se dá pela ocupação de comércios e a presença da Catedral de São Miguel Arcanjo, ao andar por outras quadras foi possível caminhar por ruas com características mais residenciais e observar o tipo de moradias. Boa parte das moradias são compostas por casas térreas e sobradinhos, localizei apenas um prédio residência com uns 10 andares e dois outros prédios menores.

Junto as residências são possíveis identificar algumas portas de comércios, mas com exceção de um único barzinho que estava aberto, os demais locais estavam sempre fechados nos dias que visitei e não sei o tipo de ocupação e/ou comércio que possa ocorrer nestes locais.

As residências são basicamente de alvenaria e aparecem ser lugares espaçosos e confortáveis, indicando o uso por uma classe mais estável socialmente e diferindo das construções cada vez menores que o mercado imobiliário nos empurra.

Em relação a infraestrutura, posso dizer que o entorno da praça do forró não aparenta carecer do muito básico relacionado a infraestrutura que pudesse identificar, possui iluminação pública, ruas pavimentadas e calçadas com um mínimo de espaço para

caminhar (porém com exceção destes espaços e do acesso a CPTM, demais lugares não possuem adaptações para pessoas com mobilidade reduzida).

Aparenta ter pouquíssimos pontos de cultura e lazer além de ter uma biblioteca municipal próxima e a Capela de São Miguel Arcanjo que funciona também como um museu.

5. Considerações Finais

Através das percepções que tive ao fazer os trabalhos de campos, diria que passado os quase 50 anos dos relatos feitos através de sua pesquisa por Arantes e Andrade em 1977, o entorno da Capela e Praça do Forró, mudou de forma significativa, perdendo quase todo o caráter residencial e se tornando uma área 100% comercial e com as ruas voltadas para o transito de veículos e não sendo muito convidativas para a circulação de pessoas a pé. Mesmo se deslocando para as ruas com características mais residenciais e sem um trânsito intenso de veículos motorizados, não foi possível ver muitas pessoas nas ruas, não tinha crianças brincando ou circulando, com raras exceções de uma outra pessoa caminhando, não foi possível identificar que os moradores dali usufruem das ruas para o lazer. A impressão que tive desde o primeiro campo em abril de 2024, foi de que as pessoas interagem apenas dentro de suas próprias residências ou em espaços específicos.

A resposta que obtive através deste trabalho, foi que passados quase 50 anos, o entorno da Capela e da Praça do Forró em São Miguel, teve uma perda significativa das interações sociais cotidianas, antes vivenciadas no convívio com os vizinhos, através da ocupação das ruas, bares, quintais e demais espaços abertos, se tornou atualmente representada por espaços fechados e privativos, que colaboram para o enfraquecimento dos elementos característicos da vida de bairro.

Esta percepção, ocorre pelas interpretações sentidas através dos trabalhos de campos, mas principalmente pela oportunidade e conhecimento obtidos através das leituras da professora Odette Seabra e demais pesquisadores(as) que compõem a bibliografia deste trabalho. Gostaria de ter me aprofundado mais nas leituras e principalmente, ter conseguido transformar em escrita neste trabalho, todo o conhecimento adquirido por ler as obras, trabalhos e pesquisas de todas e todos

autores e autoras que diretamente contribuíram para este trabalho, com suas pesquisas e publicações.

6. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANTES, Antônio Augusto. O que é cultura popular. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1998. 78 p.

ARANTES, Antônio Augusto; ANDRADE, Marilia de. A demanda da igreja velha: análise de um conflito entre artistas populares e órgãos de Estado. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 24, p. 97-107, 1981. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41615997>. Acesso em: nov. 2024.

BOMTEMPI, Silvio. O bairro de São Miguel Paulista. São Paulo, 1970. 180 p. Disponível em:

https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/arquivo_historico/publicacoes/index.php?p=8313. Acesso em: nov. 2024.

CAMARGO, Valdemir Bueno. O processo de urbanização da cidade de São Paulo e o Movimento Popular de Arte de São Miguel Paulista. *Em Tempo de Histórias*, [S. I.], n. 28, 2017. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/view/14755>. Acesso em: nov. 2024.

FERREIRA, Genovan Pessoa de Moraes. Morro da Conceição: espaço e cotidiano do lugar. São Paulo, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geousp.2000.123485>. Acesso em: nov. 2024.

FONTES, Paulo Roberto Ribeiro. Comunidade operária, migração nordestina e lutas sociais: São Miguel Paulista (1945-1966). 2002. 412 p. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2002. Disponível em:

<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280752>. Acesso em: nov. 2024.

Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados – Seade. Fundação SEADE. Disponível em: <https://populacao.seade.gov.br/populacao-mspl/>. Acesso em: nov. 2024.

LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001. 143 p.

MARCONDES, Ricardo Correia. Seduzidos pelo progresso: ideologia, cotidiano e poder: a Nitro Química em São Miguel Paulista (1953-1957). São Paulo, 2009. Disponível em:

<https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/13171/1/Ricardo%20Correia%20Marcondes.pdf>. Acesso em: nov. 2024.

MONTANARI, Thais Cristina. A Capela de São Miguel Arcanjo em São Miguel Paulista: um documento de arquitetura e arte. 2019. 213 p. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1637223>. Acesso em: nov. 2024.

MORAIS, Isabel Rodrigues de. São Miguel Paulista: Capela de São Miguel Arcanjo: interfaces das memórias do patrimônio cultural. 2009. 242 p. Disponível em: <https://tede.pucsp.br/handle/handle/13033>. Acesso em: nov. 2024.

MORAIS, Isabel Rodrigues de. São Miguel Paulista: Capela de São Miguel Arcanjo: interfaces das memórias do patrimônio cultural. 2010. 9 p. Histórica – Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo, nº 43, ago. 2010. São Paulo. Disponível em: <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao43/materia03/texto03.pdf>. Acesso em: nov. 2024.

MUNIZ, Bianca; SANTINO, Matheus. Bairros periféricos e de maioria negra são os mais afetados por desastres em São Paulo. *A Pública: Agência de Jornalismo Investigativo*, 2024. Disponível em: <https://apublica.org/2024/02/bairros-perifericos-e-de-maioria-negra-sao-os-mais-afetados-por-desastres-em-sao-paulo/>. Acesso em: nov. 2024.

Observatório de Indicadores da Cidade de São Paulo. ObservaSampa. Disponível em: <https://populacao.seade.gov.br/populacao-msp/>. Acesso em: nov. 2024.

PÁDUA, Rafael Faleiros de. Cotidiano, espaço e tempo de um antigo bairro paulistano: transformações da cidade e a dimensão do vivido. *GEOUSP: Espaço e Tempo (Online)*, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 478–493, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/162950>. Acesso em: nov. 2024.

Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento (SMUL); Prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP). Geosampa (Mapa Digital da Cidade de São Paulo). Disponível em: https://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx. Acesso em: nov. 2024.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. Territórios do uso: cotidiano e modo de vida. *Cidades*, São Paulo, 2004. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/article/view/476/506>. Acesso em: nov. 2024.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. Urbanização e fragmentação: cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole, a partir das transformações do bairro do Limão. 2003. Tese (Livre-Docência) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. Urbanização e fragmentação: cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole. *Travessia: Revista do Migrante - Centro de Estudos Migratórios*, São Paulo, 2000. Disponível em: <https://www.academia.edu/88191699/Urbaniza%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: nov. 2024.

SILVA, Regina Celly Nogueira da. As várias faces do uso do bairro e a cotidianidade do morador. São Paulo, 1998. Disponível em:
<https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geousp.1998.123281>. Acesso em: nov. 2024.

Sistema Estadual de Museus de São Paulo (SISEM-SP). Capela de São Miguel Arcanjo. Disponível em: <https://cem.sisemsp.org.br/instituicao/19637/>. Acesso em: nov. 2024.